Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



LINDA DARNELL
é a protagonista do filme «O SINAL DO ZORRO» que Fox-Filmes estreia no Odéon e no Palácio

2.ª SÉRIE—N.º 13—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 3 DE FEVEREIRO DE 1941—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES, MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

A. S. I. F.
apresenta

«OS MARIDOS CUSTAM CARO»
(«Expensive Husbands»)

Realização de *Bobby Connolly*
Argumento original de *Kyrill de Shishmareff*

Personagens:

Príncipe Rupert. . . . . PATRIC KNOWLES
Laurine Lynne . . . . BEVERVY ROBERTS
Joe Craig . . . . ALLYN JOSLYN
Ricky Preston . . . . GORDON OLIVER

O alpinismo é um desporto fácil e cómodo, se o compararmos à ascensão duma artista ao «estrelato». E, depois, não basta à estrêla ter apenas brilho próprio... Manter o desejado título é bem mais custoso que conquistá-lo.



Querem melhor exemplo que o da Laurine Lynne (Beverly Roberts)?... Bonita, com talento; todos a adulavam. Sem cerimónia, a Glória voltou-lhe as costas. Ricky Preston (Gordon Oliver) propõe-se desempenhar, junto da estrêla, o papel de pára-quedas...



...Casava com ela, oferecia-lhe um barco de recreio, e passariam os dois a lua de mel na Europa. Dêstes planos a pérfida Laurine apenas reteve a ideia da viagem à Europa. Mas partiu sòsinha. E de hotel em hotel, veio a conhecer um criado invulgar.



Ela acha-o mesmo sedutor. O caso torna-se notado e o galante servidor é pôsto na rua. Sua Alteza o Príncipe Rupert (Patric Knowles), em sérios apuros, resolve inscrever-se numa agência de casamentos — onde a «estrêla» decadente o vai de novo encontrar.



Era êsse o fim da viagem de Laurine à Europa: casar com um titular, para agitar a publicidade à roda do seu nome já esquecido. E agora ali o tem, um príncipe autêntico, naturalmente dos Balcãs, ou melhor: dos Balcãs, naturalmente.



Não foi barato. Por 10.000 dólares, que é como quem diz 250 contos, não se pode considerar um achado.

Porém, ela parece sentir-se feliz: a Gloria Swanson vai ficar fula e a Glória (sem apelido) mostrar-se-á mais submissa.



As «estrêlas» têm fama de caprichosas. E os príncipes de comédia costumam ter muitas medalhas, mas nenhuma de bom comportamento. O casal desentende-se: ela regressa triunfante a Hollywood; êle vai ver (com razão, se os Balcãs ainda estão no seu lugar.



O príncipe é cliente assíduo de paquetes e expressos. Com saùdades da encantadora Laurine, parte para Hollywood.

Voltam a zangar-se. E êle regressa à Europa decidido a abdicar do seu papel de comparsa dum matrimónio impossível.



Quando surge um acontecimento imprevisto: o príncipe encontra um trono... no coração de Laurine, que abandonou o cinema por êle. Só é pena que a Gloria Swanson não veja que ela agora se deita numa cama genuìnamente histórica!

(*Texto de António de Carvalho Nunes*)

2.ª série / N.º 13 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

3 de Fevereiro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B X. 27507) — LISBOA

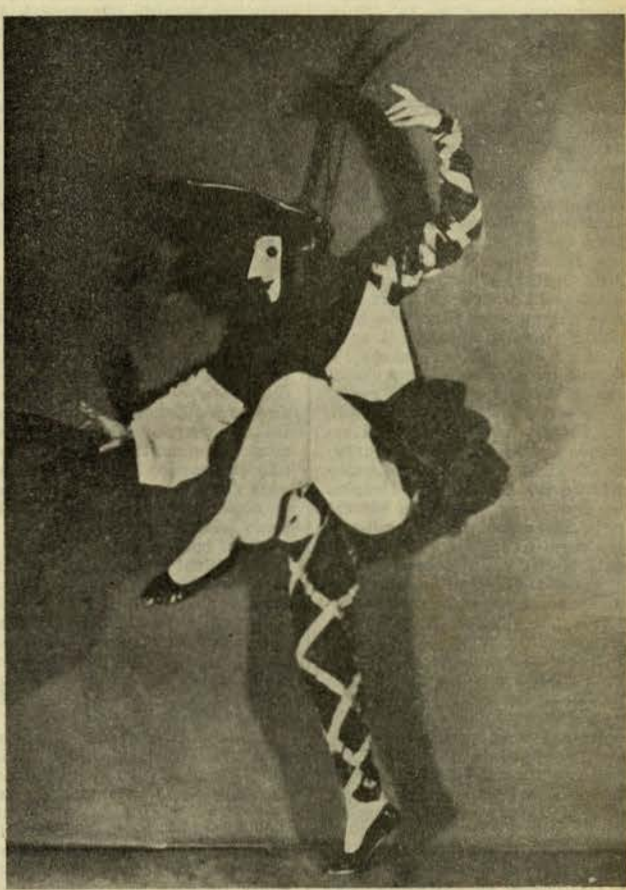
CINCO VEDETAS

figuram no programa da FESTA DOS PRÉMIOS que se realiza na 5.ª feira no TEATRO DA TRINDADE:

ALEXANDRE E CLOTILDE SAKHAROFF

MARIE DUBAS

MARIA TEREZA DE NORONHA



O extraordinário coreógrafo e bailarino Alexandre Sakharoff na



O Maestro Pedro de Freitas Branco, um dos melhores condutores de orquestra da actualidade, no seu gabinete de trabalho

Os Poetas da Dança

Há «slogans» que se vulgari-

«Nocturnos» de Fauré, a «Bourr-

(Continua na página 6)

NOVA VERSÃO DUM GRANDE ÊXITO
"O SINAL DO ZORRO"

As aventuras de DOUGLAS FAIRBANKS revivem, interpretadas por TYRONE POWER numa realização de MAMOULIAN



Por vezes uns sujeitos lamurientos aparecem muito aflitos por causa da falta de assuntos com que, segundo afirmam, luta o Cinema. Pomos já de parte a discussão do problema em abstracto, que não vem agora a propósito. Queremos apenas mostrar de relance que êsses pèssimistas não têm razão — lembrando apenas que se encontram sempre bons assuntos «novos» nos bons assuntos «velhos», mina inexgotável de êxitos sucessivos e sempre renováveis. Esta afirmação pode ilustrar-se bem expressivamente com a série de novas versões dos grandes filmes de Douglas Fairbanks que está a enriquecer extraordinàriamente a actual temporada: «As Aventuras de Robin dos Bosques» acaba de obter um êxito monumental, «O Ladrão de Bagdad» será estreado em breve, e a nova versão de «O Sinal do Zôrro» — o maior triunfo do inesquecível Douglas — de que se anuncia a estreia para esta semana, vai conquistar, tão certo como dois e dois serem quatro, um êxito esmagador.

Fazemos esta afirmação com plena consciência da responsabilidade que envolve, mas também com absoluta tranqüilidade.

É que sabemos como Tyrone Power compôs o tipo romanesco do Zôrro, nos seus dois aspectos — o do filho-família tímido e indolente, e o do espadachim audacioso e aventureiro, valente como as armas e rijo como a têmpera da sua espada vingadora. Tyrone Power conseguiu uma façanha que se diria impossível: substituir *de-facto* o admirável Doug. Tyrone talvez não possua a elasticidale de Fairbanks, mas tem melhor figura, maior esbelteza, e aparenta uma masculinidade que se pode comparar à do espantoso Errol Flynn do «Robin dos Bosques».

Sabemos também que Linda Darnell aparece mais linda e mais actriz do que nunca, e que Basil Rathbone substitui Donald Crisp com vantagem manifesta na figura do vilão, pois Basil é seguramente um actor extraordinário, servido por faculdades físicas invulgares e por um poder de «presença» dominador, impressionante.

Sabemos ainda que Rouben Mamoulian foi o realizador do novo «Zôrro». Ora se Fred Niblo, que dirigiu o primeiro, era um encenador cinematográfico da mais alta competência e da melhor fibra — Mamoulian não lhe fica atrás. Estamos certos de que irá dar-nos no «Zôrro» um dos seus melhores trabalhos, porque não esquecemos que, de tôdas as suas fitas as mais felizes são as de acção violenta e movimentada, como «Ruas de Nova-York» e «Canta, bandoleiro, canta!»

No «Sinal do Zôrro» Mamoulian teve largas oportunidades para pôr à prova as suas faculdades de realizador, não só pelas possibilidades dinâmicas do argumento, mas também pelo ambiente de exotismo histórico em que se passa a acção — comparável ao do «Prisioneiro de Zenda».

Por alguns pormenores pode-se avaliar do escrúpulo e categoria da encenação. Basta examinar, por exemplo, a indumentária das figuras para se verificar o cuidado pôsto na «mise-en-scène» do filme. Tyrone Power, por exemplo, vem vestido exactamente como Douglas aparecia na primeira versão. É que o fato imaginado para o «Zôrro» em 1921 era de tal maneira «cinematográfico», tão bem achado debaixo de todos os pontos de vista, que se preferiu repeti-lo francamente, embora correndo o risco duma acusação de falta de originalidade, acusação que seria aliás completamente idiota — mas há gente para tudo!

A figura esbeltíssima de Tyrone e a beleza fascinante de Lind[a] Darnell prometem não deixar mal junto dos cinéfilos de hoj[e] as personagens criadas por Doug e por Marguerite de la Mott[e] e que entusiasmaram os sócios do «Clube do Animatógrafo».

Por tudo isto temos a certeza certa de que «O Sinal do Zôrro» vai alcançar um êxito formidável, um êxito capaz de se desta[car] de entre os grandes êxit[os] que têm assinado esta tempor[a]da. Rouben Mamoulian, Tyro[ne] Power, Linda Darnell e Bas[il] Rathbone — «vai ser limpinho!» como sôe agora dizer-se. Com tai[s] elementos, a história maravilhos[a] das proezas do Zôrro, o sôpr[o] épico dos seus lances imprevisto[s] e a febre de Aventura de tôda [a] sua intriga, vai ser um verdadei[-]ro íman de multidões. — A. M.

A Basil Rathbone coube o vilão, outrora interpretado por Donald Crisp

O CINEMA e a GRANDE IMPRENSA

«Animatógrafo» é o único semanário português de cinematografia. Mais: a única publicação periódica portuguesa dedicada ao espectáculo que, indubitàvelmente, atrai e reúne todos os dias maior número de portugueses. Êste facto, que daria satisfação a todos os que deliram por estar sós em campo, para poderem pontificar sem contraditores e prosperar sem concorrentes — desola-nos, desconsola-nos, desespera-nos. Lutámos (nós que nada tínhamos com isso) para que não desaparecesse «Cine-Jornal»; insistimos para que não acabasse o «Cinéfilo». E foi apenas para que em Portugal se não passasse pela vergonha de não haver um único órgão cinematográfico que nos decidimos ao verdadeiro sacrifício de pôr em pé «Animatógrafo» e estamos dispostos a mantê-lo através de tudo.

E, no entanto, como nos parece estranho, e até inhábil, que as grandes emprêsas editoriais, e em especial os grandes cotidianos, desprezem quási em absoluto êsse campo vastíssimo de assunto, e não aproveitem uma atmosfera criada naturalmente por fôrças estranhas a êles, e que nada lhes custam. Pelo contrário: que lhes dão proveito, pois o cinema, considerado colectivamente, é sem dúvida o melhor e o mais fiel anunciante de todos os jornais. Donde resulta que semelhante indiferença é, além do mais, injusta, o que não contribui para a desculpar.

Tempos houve já em que todos os jornais cotidianos portugueses dedicavam ao Cinema, sòzinho ou a meias com o seu camarada Teatro (outro estupendo anunciante), uma página inteira por semana. E não há dúvida que, nessa altura, o cinema tinha muito menos importância que hoje tem. À excepção do êxito monstruoso da «Grande Parada», que filmes se conservavam três, quatro e até sete semanas no cartaz do mesmo cinema, como hoje é quási corrente? E havia, além disso, quatro revistas de cinema que se publicavam em Lisboa, duas editadas no Pôrto, uma em Faro, uma na Covilhã e outra na Figueira da Foz!

Eram demais?... Rebentaram?... Não há dúvida. Mas entre essa orgia sardanapalesca de imprensa cinéfila e o vácuo absoluto que se verificou durante os meses que precederam a aparição de «Animatógrafo» — há uma certa diferença.

Nem falamos sequer no que se refere ao Cinema Português. Seria demasiadamente doloroso — para nós, é claro. No entanto, supomos não ser demais que se ligasse tanta importância às solicitações e apêlos dos estúdios, dos laboratórios, do Sindicato, onde se procura sempre, pelo menos, bem servir, do que se liga ao pedido duma cabina telefónica para Farófias-de-Cima ou dum marco fontenário para Farófias-de-Baixo. Êsses, lá vêm com tôdas as honras, com o apoio do jornal e o indispensável chamamento da atenção do conhecido sr. Quem-de-Direito.

Em geral, o sr. Quem-de-Direito apressa-se a atender o que lhe solicitam (e que é, bem entendido, muito justo e muito útil). E lá vem no jornal:

«Não foi em vão que o nosso jornal apelou...»

O jornal apelou — e Farófias-de-Baixo «apelaram» o chafariz.

Nós — não «apelamos» nada, por nos faltar a varinha mágica da Fada Influente. Para não clamarmos no deserto, temos que inventar nós próprios os oásis que nos dessedentem. Mas, na sua maioria, não passam de miragens.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

PANORÂMICA

Garcia Viñolas, escritor

O grande Prémio de Literatura «Francisco Franco», destinado a premiar a melhor obra literária espanhola foi, atribuído êste ano ao nosso querido amigo Manuel Augusto Garcia Viñolas, Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia de Espanha, e que nos visitou há poucas semanas.



GARCIA VIÑOLAS visto por Teixeira Cabral

Razão tínhamos nós em chamar a atenção dos leitores para o estilo admirável do «Manifesto» de sua autoria que tivemos a honra de publicar nas nossas páginas.

Manuel Augusto conta apenas 28 anos. Dêle muito espera ainda, portanto, a literatura e o cinema do seu país. Ficamos aguardando com impaciência o seu próximo livro, «Los Dioses fáciles», crónicas da Grécia, onde viveu largos meses. E aguardamos também o ensejo de o abraçar pròximamente em Madrid.

Sob o signo das estrêlas

Augusto Ferreira Gomes, grande amigo de «Animatógrafo», inteligência lúcida e sempre debruçada, respeitosamente, sôbre os mistérios do oculto, acaba de fazer publicar um livro, que teve a gentileza de nos enviar e que se intitula «No Claro Escuro das Profecias». Nele se apresentam e analisam, sem basófias de iniciado nem especulações fantasistas, as profecias mais célebres, desde o Apocalipse de S. João até as mais recentes, sem esquecer as de Miguel de Nostradamus, Gonçalo Eanes Bandarra, São Malaquias e Fernando Pessoa, cujo livro «Mensagem» pode — e deve — considerar-se hermético, e que prefaciou o poema «Quinto Império», do mesmo Autor.

Impressionam-nos, sobretudo, os capítulos «O Ressurgimento do Ocidente» e aqueles em que trata do Símbolo da Serpente e dos passos e sinais proféticos da letra S.

Visto tratar-se de «estrêlas» (pois o A. tudo relaciona, e muito bem, com a ciência astrológica) não nos parece deslocado recomendar aqui, vivamente, o livro aos nossos leitores. A edição é da Livraria Portugália.

Continuïdade!

Da crítica do «Diário de Lisboa» ao novo filme português «Pôrto de Abrigo», assinada «Visor 40» transcrevemos com o maior prazer os seguintes períodos, em que «Animatógrafo» defende desde o primeiro número, e defenderá sem repouso:

O cinema português encontrou, nesta ocasião, o seu «pôrto de abrigo», escala modesta, que defende uma classe já numerosa das mil e uma contingências da guerra. Só por isto a obra é simpática, quando outras virtudes não concorressem nela. Mas não podiamos nós aproveitar melhor o trágico conflito, agora que os mercados europeus de produção estão encerrados, para lançar em bases sólidas a nossa indústria cinematográfica? A oportunidade é magnífica. Teriamos, talvez, que refundir todo o sistema, tornando-o menos individual, claramente, criando um organismo que englobasse tôdas as células de trabalho, não nos importando até, depois do aproveitamento dos valores nacionais ,de os pedir a alheios, caso fôssem necessários. Um conselho directivo, de leitura de argumento, outro de técnicos, sem rivalidades, homens de boa vontade, com as responsabilidades inerentes, constituiriam a espinha dorsal dessa organização. Podia ser de outra maneira? Podia!

O que importa agora é dar o passo em frente decisivo, aproveitando o marasmo que a guerra produziu nos estúdios, para obtermos uma produção constante, seleccionada, de sentido industrial, que Portugal aceite e possa radiar nos países de língua latina, no nosso idioma, ou mesmo com dobragens. Contra tudo isto sugere-se um argumento de pêso — os capitalistas. Mas, em boa verdade, até agora, tem havido menos realizadores do que capitalistas. Um filme entre nós é muitas vezes um nome ou uma ideia brilhante. Não basta! Tem de ser uma certeza, dentro dum relativo de elementos fáceis de encontrar.

Para se dar «o passo em frente, decisivo», só uma coisa é necessária e se impõe: dar ao estúdio e ao laboratório, agora dispostos a produzir conjuntamente, os créditos necessários para manter a continuïdade industrial. O capital necessário é reduzidíssimo, em relação à obra a empreender. As contas estão feitas e estão certas. O *busilis* é que, inexplicàvelmente, cobardemente, mesquinhamente, ninguém acredita na evidência: a produção cinematográfica é um negócio rendoso. Porisso discordamos de «Visor 40» quando afirma que tem havido «mais capitalistas do que realizadores».

UM ESPECTÁCULO DE GRANDE CATEGORIA

MARIA TERESA DE NORONHA

que tornou o «Fado» digno dum concêrto vai cantar em público pela primeira vez

(Continuação da pág. 3)

Fantasque» de Chabrier e a «Dança» de Bach.

Música sinfónica

A Orquestra Sinfónica Nacional, cedida pela Emissora Nacional, é um agrupamento que honra musicalmente o nosso país, pela qualidade que conseguiu alcançar e a vastidão eclética do seu repertório. À sua frente está o seu fundador, o Maestro Pedro de Freitas Branco, que fêz parte do Júri de Classificação dos Filmes e intérpretes, e que é hoje, sem dúvida, uma das primeiras batutas mundiais.

Pedro de Freitas Branco organizou connosco o programa do concêrto que dará na noite de quinta-feira. Além dos números em que acompanha Clotilde e Alexandre Sakharoff, a Orquestra executará, sob a sua direcção, «O Segrêdo de Suzana», dois «Nocturnos» de Debussy, «Nuages» e «Fêtes», e o célebre «Till Eulenspiegel», de Richard Strauss, uma das coroas de glória de Freitas Branco e da Orquestra, que há muito tempo o não executa.

A canção viva

— *Marie Dubas — c'est la Chanson vivante!...*

Foi com estas palavras que pela primeira vez ouvimos falar de Marie Dubas, criadora incomparável dum género que revolucionou a canção francesa, tornando-a mais inteligente e menos piegas.

Vimo-la depois encher o palco com a sua graça comunicativa, a sua personalidade esfusiante. E nunca mais perdemos um só ensejo de ir aplaudir essa espantosa cançonetista.

Pois na nossa Festa vamos ter o prazer de ver Marie Dubas, que consentiu em cantar duas canções antes de aparecer num outro recital organizado a pedido do público que não conseguiu bilhetes para o último que deu em Lisboa.

Preferimos guardar segrêdo sôbre as duas canções escolhidas. Mas, quer seja a espirituosa «Kiki m'a», ou o desenfreado «Pedro», ou a subtil «Romance Moyennageuse», ou a impressionante «Monsieur vient de partir en voyage» — qualquer basta para dar Marie Dubas em tôda a sua plenitude.



MARIE DUBAS

De todos os retratos que conhecemos da grande artista francesa, preferimos êste. Marie Dubas, antes do seu próximo recital, não quis negar a «Animatógrafo» ir cantar duas canções na «Festa dos Prémios»

Pode surpreender que «Animatógrafo» não enfileire nas hostes aguerridas dos que pretendem tirar ao «Fado» todos os direitos de Canção Nacional, acusando-o dos malefícios mais fantasistas. Isso agora usa-se muito, e parece que com êxito.

Mas «Animatógrafo» detesta todos os facciosismos — tanto quanto detesta a chamada «imparcialidade». O «Fado» tem indiscutíveis direitos dentro da Canção portuguesa, por ser característico, inconfundível; só interessa saber se um fado é bom ou é mau, quanto à letra e quanto à música, se é bem cantado ou mal cantado.

É evidente que o Fado se comercializou ou, melhor: se industrializou em excesso. Os seus «cultivadores» atingiram um profissionalismo prejudicial, banalizando-o e — o que é mais grave — cantando-o com versos impossíveis, tão alheios à Poesia como impróprios para a música.

O que se torna portanto necessário não é banir o Fado do património musical português, mas elevá-lo, cuidá-lo, *cultivá-lo*, na verdadeira acepção do têrmo, tendo contudo o cuidado de lhe não fazer perder as qualidades castiças que o distinguem de tôdas as mais cantigas da Terra.

Essa reabilitação pode fazer-se, desde que haja gôsto e pulso. E, quanto a nós, deve fazer-se.

A maior de tôdas

Quando ouvimos pela primeira vez Maria Teresa de Noronha (foi na festa de despedida do locutor Fernando Pessa que a sua voz foi revelada aos radiófilos), compreendemos que o Fado encontrara a artista capaz de o impor aos mais exigentes — começando por *demonstrá-lo* aos mais cépticos.

Maria Teresa canta o fado como respira — com uma facilidade e uma cadência inauditas. Ela própria diz que não acha em si o mínimo mérito, pois «não lhe custa nada» cantar o fado como canta, nem necessitou de estudar, nem de aprender.

Tratando-se de Fado, que é, acima de tudo, um grito da alma, Maria Teresa, que tanto o ama e admira, deve concordar connosco que nisso reside, exactamente, o seu inapreciável valor. Os melhores músicos de «jazz» (outra vítima da incompreensão e dos maus executantes!) tocam «hot», isto é: ao sabor da sua inspiração, sujeitos apenas ao «swing» imposto pela secção rítmica da orquestra, tal como Maria Teresa



Êste é o primeiro retrato de Maria Teresa de Noronha que se publica num jornal. Todos conhecem, da Rádio, a sua voz maravilhosa. Ficam agora conhecendo a sua encantadora presença de rapariga portuguesa da melhor estirpe

de Noronha segue o trinar das guitarras. Por isso a sua arte se não aprende: é produto directo da vocação inata e da inspiração do momento.

Nunca ouvimos, é claro, a celebrada Severa... Mas ouvimos discos impressionantes da grande Maria Vitória, e de Júlia Mendes, que lhe era muito inferior. E temos ouvido tôdas as grandes fadistas modernas, nas suas melhores épocas, principalmente a inolvidável Maria Alice. Temos por Amália Rodrigues, fadista de raça, uma grande admiração. Quanto a nós, no entanto, a amadora Maria Teresa de Noronha — é a maior de tôdas. Por isso nos atrevemos a convidá-la a tomar parte no programa da festa a favor do Fundo de Previdência e Assistência do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, embora soubéssemos a sua relutância natural em aparecer em público.

Teve ela a suprema gentileza de aceitar, atendendo à categoria do espectáculo, ao fim a que se destinava e ao facto de nenhum dos artistas que com ela figuram no programa receber qualquer remuneração.

A Maria Teresa de Noronha, a Marie Dubas, a Clotilde e Alexandre Sakharoff, a Pedro de Freitas Branco e à Emissora Nacional, «Animatógrafo», em seu nome e no da direcção do Sindicato, agradece de todo o coração.

★

OS BILHETES PARA A «FESTA DOS PRÉMIOS» SÃO POSTOS À VENDA AMANHÃ, TERÇA-FEIRA, NA BILHETEIRA DO TEATRO DA TRINDADE

CINEMA PORTUGUÊS

E' PRECISO DINHEIRO!

Só assim o cinema nacional poderá progredir e impôr-se

Entram diàriamente na redacção de *Animatógrafo* dezenas de cartas que trazem até nós queixumes, súplicas, protestos e sugestões àcêrca do cinema português. E porque elas, em grupo, visavam um único tema — o cinema nacional — e podiam dividir-se em três lotes interdependentes, demos balanço a essas súplicas, a êsses protestos e a essas sugestões e vamos publicar os resultados, a que há-de seguir-se, se nos permitem, o nosso juízo final.

Somado o primeiro lote, aqui temos o que ficou:

«Sr. redactor. Isto vai de mal a pior. Quando se tomará a sério o cinema português? Os senhores realizadores são os culpados dêste estado de coisas. Ou não se interessam pela arte que cultivam ou não sabem. É preciso dizer-lhes o versículo bíblico: «Aqueles que tiverem olhos — que vejam; aqueles que tiverem ouvidos — que ouçam». Temos visto por aí, ao Deus dará, mais de um milheiro de elementos que, bem aproveitadinhos, davam espantosos actores. O sr. redactor não concorda que os artistas do nosso cinema têm sido muito mal escolhidos? Então, porque é que os realizadores não vêm ter connosco, que lhes daríamos nota de bons elementos, de talentosos artistas?»

Do segundo lote apurámos o seguinte:

«Sr. redactor. Não há dúvida nenhuma de que quem devia fazer cinema eram aqueles que andam fora dos estúdios. Nós, sr. redactor, nós é que devíamos trabalhar, pois temos ideias e planos geniais — geniais, é o termo — de que os «outros» nunca se lembraram. Ora, se êles se não lembraram é porque lhes falta aquilo que nos sobeja, não lhe parece? Vemos que concorda connosco. Ainda bem que o sr. redactor é tão inteligente! Nós, com o seu auxílio, iríamos longe! Por exemplo: a questão dos documentários. Repare no descrédito que paira por aí. Estamos fartos de ver as ruas da vilória e os primeiros planos dos seus indígenas. Não, isto é abstracto, «pires», trivial. O que se devia fazer era... (mas encha-se o sr. redactor de paciência, pois vamos dar-lhe mais de setecentas sugestões inéditas, e perfeitamente cinematografáveis)...»

Do terceiro lote arrecadámos uma rima de interrogações capazes de abalar o espírito mais animoso:

«Então que é isso, sr. redactor? Não se passa da cêpa torta? Porque se produz tão pouco? Porque não há continuidade de trabalho nos estúdios? Concorda ou não que aqui há muita mândria? E não só isso: estamos fartos do género de filmes que nos dão. Porque não arranjam uma variante? Bucolismo e regionalismo são dois temas estafados. Porque não se tenta o género histórico? Que lhe parecia um filme sôbre Nuno Álvares? Ou sôbre Vasco da Gama? Ou sôbre Camões? Não acha Inês de Castro um tema de arromba? Ou Carlota Joaquina... Ou D. João V... É verdade, D. João V! Oh, sr. redactor: Porque se não faz um filme biográfico de Camilo, no género do «Pasteur»? Ou a vida de Mariana Alcoforado que, coitadinha, tem dado tanto dinheiro a ganhar a tanta gente? Mas porque é que os nossos realizadores não pegam nestes assuntos? Oh! Estamos desiludidos, desiludidos! O cinema português não avança porque ninguém quere. Precisamos de gente de ideias, de bom senso, de escolas, de mais aparelhagem, de pessoal técnico e artístico. Precisamos de tudo, não é assim, sr. redactor?»

* * *

Não, prezados leitores que tão dedicadamente pensam na solução do problema cinematográfico português. Embora lhes surpreenda a resposta, aí a têm, exacta, justa, certíssima:

— No cinema português, apenas um elemento se torna necessário: dinheiro! Sim, é preciso dinheiro! O mais — pessoal, ideias aparelhagem — aparecerá com o correr dos tempos. Não tenham ilusões, nem desesperanças; não façam comentários acerbos e inúteis: o cinema é caro e, para apresentar bom, para mostrar encenações luxuosas, torna-se imprescindível abrir os cordões à bôlsa. Já aqui se disse, há tempo, que enquanto nós gastamos oitocentos mil escudos num filme, os americanos gastam dez milhões. Se, àmanhã, um realizador nacional quiser dirigir uma cena de inundações passa uma noite em claro a pensar no orçamento e verifica que, com o dinheiro disponível, não poderá gastar toneladas de água, mas apenas alguns metros cúbicos.

Certa vez, numa produção nacional, havia uma cena capital digna de interessar o público: uma guerra. Mas o orçamento era escasso e não houve possibilidade de arranjar o capital necessário. A guerra transformou-se em guerrilha e, como mesmo assim houvesse poucos recursos financeiros, a guerrilha passou a escaramuça. Agora, respondam: há possibilidade de construir um palácio com o dinheiro que mal dá para erguer uma cabana?

Pedimos calma e um minuto de reflexão. Reclamem todos continuidade de trabalho — profissionalismo —; tragam dinheiro aos estúdios e fiquem descansados que verão tôdas as suas amáveis sugestões traduzidas em filme impressionado. E virão os técnicos, os artistas, os grandes argumentos.

Mas haja dinheiro!

Porque sem êle, acreditem, o cinema português nunca poderá progredir nem impor-se!

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Não sei se repararam que nestes últimos tempos Leitão de Barros tem procurado dar o menos possível que falar em matéria de Cinema.

Não julguem que isso representa de algum modo insuficiência, desistência ou mesmo indecisão no desenrolar da carreira a que, tão desassombrada e entusiàsticamente, se dedicou no tempo de «Maria do Mar», o primeiro filme português que satisfez incondicionalmente o público e a crítica. Os que murmuram, dizendo que êle abandonou o Cinema, que ficou «queimado» com a sua última fita, que o sonoro lhe «cortou as pernas», não têm senso nem razão. Leitão de Barros cada vez se interessa mais pelo problema gravíssimo e capital de uma produção cinematográfica portuguesa. E, contràriamente ao que muitos pensam, êle encontra no Cinema novas e definitivas possibilidades.

É já muito velho o dizer-se que o Cinema falado veio agrupar dentro dos mesmos interêsses os povos da mesma língua e línguas semelhantes. No nosso caso, ficam interessados directamente, numa produção orientada segundo um plano inteligente, todos os povos de línguas portuguesa e espanhola, ou sejam Portugal, Brasil, Espanha, América Latina e as respectivas colónias, o que prefaz a linda soma de mais de trinta milhões de almas.

Mas — preguntamos. Já alguém pensou nisto a sério? Já houve alguma diligência a fundo, a valer, para se saber quais as possibilidades que oferecem êsses pontos, os mercados referidos, ao desenvolvimento da nossa industrialização cinematográfica? Esperemos que o tenha feita quem tão interessado anda na criação do Consórcio, de modo a que o negócio cinematográfico se torne possível e as nossas produções deixem de ter, por exemplo, no Brasil o aspecto de «avis rara» — que mesmo agora já não é muito desejado nem apreciado...

Não estamos autorizados nem poderíamos neste momento concretizar os planos de Leitão de Barros. Não queremos, porém, deixar de divulgar certos pormenores, que nem só a êle pertencem.

Leitão de Barros hesita, neste momento, entre duas obras de Cinema. Uma delas é «Maria da Fonte». O outro — é segrêdo. Diremos, apenas, que é um grande sonho do homem que fez «Maria do Mar», desejo forte de fazer uma obra séria, profundamente portuguesa.

Lamentamos ter a nossa palavra comprometida para não adiantar nada sôbre tal projecto. Não temos, portanto, outro remédio senão falar-lhes de «Maria da Fonte», nome que não há um português que não conheça de cor. O argumento já está terminado. Pertence ao escritor Carlos Selvagem e nêle perpassa um sôpro da alma popular nas lutas liberais. Pa o interpretar vai ser escolhido grande número de artistas, velhos e novos na arte de representar. Será recrutada, talvez, tôda a companhia do nosso primeiro teatro, mas não andaremos longe da verdade se dissermos que se pensa em Brunilde Judice para o papel dessa mulher heróica e inflamada, temperada ao Sol de Portugal, e que tem sido pintada com tão diversas côres.

Isto, no entanto, fica nestas colunas sob reserva. Estamos ainda no campo das hipóteses e até o das realizações vai um grande espaço, que permite muitas largas à fantasia e muitas modificações.

AUGUSTO FRAGA

CINEMA DE AMADORES

Uma sessão de cinema de amadores na SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Para encerramento do IV Salão Internacional de Arte Fotográfica, organizou a Sub-Secção de Cinema do Grémio Português de Fotografia, uma sessão de filmes de amadores que se realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Na 1.ª parte do programa o sr. eng. Carneiro Mendes apresentou uma série de diapositivos coloridos sôbre a Exposição do Mundo Português.

O acêrto das côres é, em alguns diapositivos, verdadeiramente notável. Citamos os efeitos nocturnos da fonte luminosa e alguns exteriores, nomeadamente aqueles que focam a Nau Portugal e o Padrão dos Descobrimentos.

O facto de não se ter atingido ainda a perfeição técnica do colorido, faz com que se observe ainda algumas irregularidades. Não se deve pois a desconhecimento técnico do autor a imperfeição de alguns diapositivos que enfermam de um excesso de coloração verde-azulada.

Sôbre o aspecto artístico, o sr. eng. Carneiro Mendes, apresenta-se em certos momentos como um pintor de arte. De facto só um ser dotado de grande sensibilidade artística podia enquadrar certos aspectos da Exposição do Mundo Português como aqueles que vimos.

Iniciou-se a sessão de filmes em formato reduzido com a produção do sr. Fernando Ponte e Sousa, «Sonho Infantil».

Dêste filme, que obteve o 2.º lugar, da sua categoria no Concurso Internacional de Filmes de Amadores, realizado em 1936 em Barcelona, já dissemos o que tinhamos para dizer quando assistimos à sua exibição há aproximadamente quatro anos.

Verifica-se porém, não ser nunca demais falar duma obra que, como esta, tanto interêsse tem provocado.

A categoria *Bonecos e Desenhos Animados* é sem dúvida uma das mais ingratas para o amador de cinema.

E pela *dificuldade do assunto*, é pela execução técnica. Porém Fernando Ponte e Sousa saíu-se bem do seu trabalho.

Excluindo certas *exuberâncias de gestos* a maioria é quási perfeita.

«Cresta (colheita do mel)» foi o segundo filme projectado.

Temos pelos filmes culturais do sr. eng. Carneiro Mendes uma grande admiração. Êles mostram-nos aspectos da vida que não nos é possível observar, quer pelas barreiras que a própria vida antepõe ao conhecimento de certos pormenores, quer pela falta de paciência para os procurar.

Da mesma maneira com que nos deliciamos com os culturais do cinema profissional, assim nos deliciamos com os filmes do sr. eng. Carneiro Mendes.

Difícil e até mesmo perigosa de executar, esta sua «Colheita do mel» é uma curiosa demonstração do amor que o autor tem pelo cinema cultural.

Esperamos tornar a ver mais filmes como êste que nos mostram coisas de tanta utilidade.

Projectou-se em seguida o documentário «Ribatejo» do sr. dr. António de Menezes.

Êste filme, que foi extraído do documentário de grande metragem «Portugal», é deveras interessante.

Como documentário sem responsabilidades técnicas ou artísticas êste filme foca alguns aspectos curiosos da campina ribatejana tais como a condução do gado em que os campinos atra-

(Conclui na página 14)

O PROBLEMA DO GÉNERO

O Snr. X — Prosseguindo na nossa cavaqueira cinematográfica vais hoje elucidar-me sôbre o género preferível para os filmes de amadores.

Eu — Infelizmente, não há ainda em Portugal um Cine-Clube.

Conseqüentemente falta um contacto que seria proveitoso para os amadores.

As obras de amadores até agora apresentadas são espiritualmente fracas.

Resumem-se em grande parte a documentários e muito poucas obras de imaginação.

Há porém um filme que, não sendo português, te posso indicar como modêlo de um género.

Em 1929 o cinema soviético estava no apogeu. Nessa altura um dos Mestres russos, S. M. Eisenstein com a colaboração de Alexandroff, do compositor Archangelesky e do operador Tissé, realizou um notabilissimo filme: ROMANZA SENTIMENTAL!

O Snr. X — Em formato reduzido?

Eu — Não! Mas êsse filme pela sua concepção, e arte que possuia, estava tão deslocado da materialização profissional que era a corporização pura do cinema, e portanto um filme de amador.

O Snr. X — E que nos contava êsse filme?

Eu — Uma cousa simples, tão simples e tão bela.

O filme iniciàva-se com uma violenta tempestade.

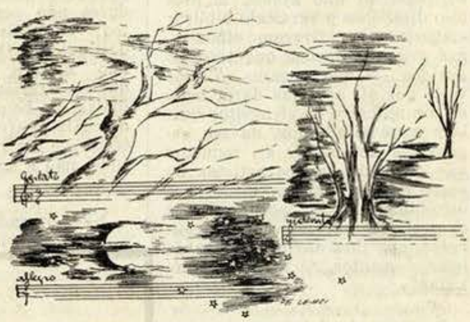
As árvores da floresta vergavam à fúria apocalíptica do vento, as ondas do mar desfaziam-se em espuma brilhante de encontro às penedias.

Vem a bonança e tudo é silêncio. Imagens calmas e discretas.

Na íntima solidão dum salão, junto das vidraças um vulto de mulher.

E' ao declinar do dia, surgem as brumas.

A mulher senta-se a um piano. A voz eleva-se: é uma romanza sentimental, nostalgica como o crepúsculo.



O andamento anima-se.

Surgem luzes no firmamento. A vida parece nascer.

Reflorescem as árvores, baila no espaço uma alegria primaveril. A Canção é mais viva.

Sorridente e feliz a mulher canta. O Salão é todo êle luz, música e flores.

E num deslumbramento de luz, música, flores e encantos, num bailado grandioso de imagens de sonho, êste hino de beleza e ventura, esta obra prima do cinema terminou.

O Snr. X — Admirável!

Eu — Êste filme era uma poesia escrita em caracteres cinematográficos e transportava o espectador a três estados d'alma: 1.º — Agitato, com a tempestade, 2.º — Moderato, pela nostalgia do entardecer, 3.º — Allegro, com o nascer da lua e scintilações de estrêlas.

O Snr. X — É êsse o género preferível para os filmes de amadores?

Eu — Conforme te tenho dito a ideia é tudo nos filmes de amadores, portanto o amador que tenha uma ideia feliz utilizá-la-á no género que melhor se coadune com essa ideia.

O amador português deve utilizar quási sempre a natureza, visto ela ser propícia, e procurar fazer arte nos mais infimos pormenores duma ideia simples e original.

JOÃO MENDES

Uma entrevista com GABRIEL PASCAL

~ o homem que conseguiu convencer BERNARD SHAW a consentir na adaptação cinematográfica da peça «PIGMALEÃO»



Gabriel Pascal, inchado como a rã da fábula, parece «esmagar» Bernard Shaw. Mas se não fôsse Bernard Shaw — que seria do produtor de «Pigmalião»?

— Gosto dêle! Nunca esquecerei de que me não virou a cara, quando eu estava na miséria!

O homem que profere estas palavras, que se perdem no ar, como o fumo do charuto que masca com deleite, parece sentir um enorme orgulho em proclamar a sua amizade por alguém que, nesse instante atravessa o «hall» do Aviz, depois de, num longo apêrto de mão, lhe ter desejado «boa-viagem». Como soam estranhamente, no ambiente sumptuoso, onde conversamos, aquelas palavras tão simples, que resumem uma das etapas da prodigiosa carreira de Gabriel Pascal — grande senhor do cinema nos tempos que vão correndo, ontem arruinado, hoje milionário, agora de passagem a caminho da América!

Olhamos a truculenta figura de magnate da indústria de filme, afundado num «maple», sorvendo, com delícia, o seu «havano». Instantes antes, com a «gaucherie» própria do homem que está mais habituado a dominar os grandes problemas da vida, do que a freqüentar salões, vimo-lo beijar a mão duma dama da mais alta nobreza europeia, que se acercara dêle, com as expansões de entusiasmo com que se acolhem os triunfadores. E evocamos, então, o filme maravilhoso da sua vida, a história dêste homem, audacioso e tenaz, inteligente e bom — que conhece o amargo sabor da derrota e o estonteante estralejar da vitória, que esgotou o cálice da primeira até à última gota — e que vive agora, com volúpia, com requintes de nababo e exageros de novo-rico, a hora sublime dos triunfadores.

O princípio de Pascal...

Tem apenas quarenta e sete anos. No entanto, viveu mais do que aqueles que contam essa idade a dobrar. Foram muitos os dias e os meses, dos que parecem não ter fim. Há dois anos para cá, em compensação, a vida decorre num ritmo alegre e fácil. Êste homem, que redige telegramas, como quem escreve cartas; que não olha ao dinheiro, de que hoje desconhece o valor — estudou Economia, nos primeiros anos da sua vida, nas escolas da Hungria, cêrca de Arad, terra onde nasceu. Depois, achou os números demasiado rígidos, para poder manejar a seu bel-prazer e cursou Agronomia, talvez com a esperança de se poder interessar pela cultura dos campos, que um dia lhe caberiam em herança, na «puzzta» infindável, onde corriam os poldros, que êle gostava de domar.

Todos nós acalentamos um sonho, que nem sempre se realiza, quantas vezes por não termos a coragem de quebrar as cadeias que nos impedem de correr ao seu encontro. Gabriel Pascal também tinha um sonho. E possuía alguma coisa mais do que êsse ideal, que é indispensável na Vida: fôrça de vontade. Não devemos estranhar, pois, que, alguns anos mais tarde, o encontremos societário do *Burg Theatre*, de Viena, prêso ao palco, arte dos seus amores.

Com alma de judeu errante, hoje aqui, amanhã acolá, saltou de Viena para Roma, onde o Cinema começava a tomar um enorme incremento, nos bons tempos em que a «escola italiana», não era apenas mera recordação, ou um capítulo das «Histórias de Cinema», que anos mais tarde se haviam de publicar.

E aqui está como êste homem, em tão pouco tempo, passou da Economia para a Agricultura da Agricultura para o Teatro, e do Teatro para o Cinema. Esta inconseqüência e o desejo de devassar mundo — haviam de influir decisivamente na sua carreira.

O cineasta errante!

Em Roma, as coisas não lhe correram bem. Fez um filme: *Populi Morituri*, com Robert Reiner. Era simultâneamente, produtor e intérprete. A sua inteligência não bastou para suprir o desconhecimento da técnica. Como actor, também não conseguiu impor-se. E foi tal a impressão que a sua actuação lhe causou, que nunca mais quis surgir na tela branca, e desistiu, de vez, de ser espectador de si próprio.

A Itália, de resto, já o começava a cansar. Marcou um novo itenerário e respectivo ponto de paragem: Paris, pátria dos Cavaleiros da Aventura, onde se triunfa ou sossobra, ràpidamente. Foi a última hipótese, a que se verificou. E Berlim, apareceu-lhe, então, como o local ideal para se impor.

De facto, conseguiu, ali, assentar arraiais. A sua inquebrantável vontade operou milagres. Conquistou uma situação. E na altura em que a firma produtora, que fundara, começava a singrar — na época áurea do cinema alemão — o advento do nazzismo veio transtornar os planos. Lupu Pick — lembram-se da *Última Tipóia de Berlim?* — metia uma bala na cabeça. E a ruina completa tornou a bater-lhe à porta.

Regressou a Viena. O Cinema sonoro, era um facto. As vedetas do Teatro começavam a invadir a tela: Franciska Gaal, Martha Eggerth, Paula Wessely e outras. Deu um salto a Londres. Gizou novo negócio. Produziu e colaborou na realização de *Frederica*, de Franz Lehar. Interveio na feitura das primeiras películas de Martha Eggerth. E quando dirigia os exteriores de *Flor do Hawai*, em Nice, recebeu propostas da América. Uma nova aventura, num cenário que desconhecia!

Hollywood toma-o por um louco

Hollywood! O sonho de todos os realizadores, de todos os intérpretes — de todos quantos vivem no mundo do cinema. Desta vez, Pascal não tinha razões de ordem económica, para abandonar o seu pôsto. Dividia a sua actividade entre três das maiores cidades europeias, capazes de dar asas aos seus sonhos: Londres, Paris e Viena. Mas ansiava por conhecer o mundo. Sobretudo, Hollywood tentava-o, com o poder mágico do seu nome e dos seus dóares!

Atravessou «o grande charco», disposto a conquistar a Meca do Cinema, cujas portas se abriam com um contrato que não era maravilhoso, mas chegava, de sobra, para as suas ambições. Mas não foi feliz, desta vez ainda. Tinha ideias a mais e subservivência, a menos. Os produtores americanos não engraçam com os europeus, que pretendem alterar os canones da Cinelândia. Mas, na impossibilidade de rescindirem o contrato, enviaram-no com uma *troupe*, que partia para a Índia, recolher imagens para dois filmes. Por lá andou, dois anos. Penetrou na alma do povo. Visitou os seus templos, falou com os sacerdotes, estudou a sua religião. E acabou por se converter ao Budismo! Quando regressou a Hollywood era outro homem. Exteriormente, dir-se-ia um missionário: cabelo comprido, barbas patriarcais, costumes ascéticos... Moralmente, tivera tempo de pensar no Destino da Humanidade, nas injustiças terrenas, na defeituosa organização social do mundo.

Tomaram-no por um louco!

Entretanto, a sua situação parecia-lhe agora insustentável! Gabriel Pascal entendeu que era novamente a altura de fazer as malas. E, um belo dia, embarcou num cargueiro, que o depôs em Londres, mais pobre do que partira, revoltado contra os produtores da Cinelândia — e sem ter podido firmar a sua posição, como

(Continua na página 18)

Estreia de gala no TIVOLI



A avaliar pelo sorriso de Maria das Neves e de Lopo Lauer, o público entrou no Tivoli, na noite de segunda-feira, na melhor das disposições, o que nem sempre é costume



Adolfo Coelho, encenador do filme, ocupava uma frisa, com sua família. Na frisa ao lado, alvejava a cabeça do grande operador português César de Sá que vai filmar «Lôbos da Serra»



No balcão de 1.ª ordem, ao lado de Nuno Gonçalves, animador do grupo «Os Excêntricos do Ritmo», Maria da Graça I, bem conhecida do público radiofónico e amador de sambas



Na plateia, Maria da Graça II, a protagonista de «Pôrto de Abrigo», não parece nervosa, nem apreensiva. E mostra-se, na vida, ao lado de sua irmã, tão deliciosa e simples como no filme



A-pesar-de mais experiente (ou talvez por isso mesmo), Elisa Carreira, também ao lado de sua irmã, não parece tão tranqüila àcêrca do seu trabalho. Achamos que não tinha razão



Intervalo. Antero Faro, sempre optimista, conversa com Vieira de Sousa, Sousa Mendes e Júlio Vicente Ribeiro, que não parece muito contuso dos efeitos do «Raio da Morte»...



António Ferro, director do S. P. N., e o director de «Animatógrafo», conversam numa frisa. Com certeza que estavam a falar de Cinema Português, o que é bom sinal



À saída, Salazar Diniz, ao lado de sua mulher, parece satisfeito — e justamente. O Sub-Chefe Reis parece mesmo que lhe está a dizer: — Vá lá, sr. Salazar!... Desta vez não vai prêso...

"PÔRTO DE ABRIGO"

visto pelos críticos do «ANIMATÓGRAFO»

CADA UM DOS NOSSOS CRÍTICOS HABITUAIS ANALISOU ESPECIALMENTE UM DOS ASPECTOS DO NOVO FILME NACIONAL

O ARGUMENTO E A PLANIFICAÇÃO

Caiu-nos em sorte, nesta apreciação colectiva do «Pôrto de Abrigo», pronunciarmo-nos sôbre o argumento e a planificação. Lamentâmo-lo. Lamentâmo-lo porque nos apetecia dizer pùblicamente da produção da Lisboa-Filme todo o bem que dela pensamos. Ora é exactamente quanto ao aspecto a que temos de circunscrever-nos que menos há a louvar. Por isso nos desgosta a missão que nos coube — que vamos no entanto procurar desempenhar sem cobardia, atitude que Adolfo Coelho ou a Lisboa-Filme de-certo não esperam nem agradeceriam a «Animatógrafo» ou a quem escreve êste comentário.

Quis Adolfo Coelho, ao escrever um argumento para um filme nacional, fugir às fórmulas já estafadas pela nossa produção anterior; e assim escolheu para tema uma novela de espionagem, assunto em que, nas suas lides literárias e editoriais, se especializara. Até aqui só temos motivo para o elogiar, especialmente pela sua intenção. Quanto à sua escolha do assunto espionagem, defende-se também, em princípio — pois em princípio não há assuntos maus, e a experiência demonstrou bastas vezes que a espionagem, como todos os temas de acção violenta ,de mistério e de aventura, tem no cinema um esplêndido modo de expressão fornece óptimos espectáculos cinematográficos. Começa porém a defender-se muito pior o critério que orientou Adolfo Coelho na selecção dos elementos com que havia de construir o seu argumento. A ideia do «raio da morte» peca por excessivamente folhetinesca; a localização de parte do enrêdo num país estrangeiro também não foi feliz, porque não dispomos dos meios necessários para conseguir interessar o nosso público, em filmes nacionais, com ambientes que não sejam «nossos»; em terceiro lugar, a incidência das figuras portuguesas, e das suas «histórias», com a intriga dorsal do argumento, é frágil e completamente secundária. Repare-se: há apenas dois pontos de contacto entre as primeiras e o segundo — o idílio de Jorge com Sónia, que não tira nem põe para o desenvolvimento e resolução do conflito entre os espiões, e o facto de Maria da Graça roubar os planos do esconderijo em casa de Rosa. O resultado é que as personagens portuguesas fazem figura de intrusas no enrêdo-base, que é a luta entre os espiões, ao passo que, por outro lado, são os espiões que fazem figura de intrusos — no Baleal e no filme — pois o público, logo que a acção «chega» a Portugal, começa a sentir-se em casa e sente-se que começa a interessar-se principalmente por tudo aquilo que «é nosso», como se dizia na revista.

Cumpre ainda apontar certos pormenores demasiadamente simplistas do enrêdo e a má definição ou o precário esclarecimento dalgumas situações. Tanto estas como aqueles contribuem para a impressão de artificialismo que gradualmente se desprende da competição entre os vários espiões rivais. A revelação final do interêsse amoroso do tenente Dolle por Sónia sôa a falso, e parece inteiramente forçada, por nada



JAIME ZENOGLIO tem na rábula do «Professor Zenthul», apesar de muito curta, uma interpretação digna de nota

haver durante todo o filme que a preparasse.

Vejamos agora o que se deve creditar na «conta» de Adolfo Coelho: em primeiro lugar a definição das personagens. É indiscutível que as figuras principais têm certo relêvo, certa «presença» — aquele «volume» que torna credível a sua existência fictícia — e isto nem sempre tem acontecido em filmes portugueses. Em segundo lugar o bom recorte dos episódios cómicos, com feliz sentido popular mas sem grosseria. Os diálogos dêsses momentos contribuem em larga escala para a boa impressão que nos deixaram. (É caso para se preguntar: será Adolfo Coelho um humorista que se ignora?). Já que falámos em diálogos aproveita-se a ocasião para anotar que os de certas cenas não foram escritos no estilo mais adequado.

Em terceiro lugar há que creditar a Adolfo Coelho a proeza (dizemos assim por se tratar de um estreante) de ter conseguido contar a sua história, por forma inteligível e seguida.

A planificação, não a consideramos perfeita, porque contém cenas desnecessárias, planos totalmente inúteis, momentos em que a acção pára completamente, etc. Mas tem em compensação outras virtudes — e a principal é a seqüência da narrativa, obtida pela clareza da exposição nos planos sucessivos e nas sucessivas cenas, uns e outras seleccionados com bastante critério.

Referimo-nos há pouco a certas suspensões da acção. Não queremos acabar sem dar um exemplo bem claro, que abonará a boa-fé da intenção que ditou tôdas estas considerações. Êsse exemplo será a canção cantada pela personagem Maria da Graça, à sua chegada ao Baleal. Nada se passa enquanto a rapariga canta — a-pesar dela folhear os livros de estudo, de afagar o cordeiro, etc. Nada se passa, repetimos, porque a acção do filme não avança um só milímetro durante aquelas dezenas de metros. Repare-se agora como procedem os «mestres». Tomemos para comparação Deanna Durbin, cuja presença é evidentemente mais alta (ou mais «forte», se preferem) do que a de Maria da Graça. E no entanto quando Deanna canta, a acção dos seus filmes continua a desenvolver-se, não pára. Lembrem-se, por exemplo, do muito que se passava enquanto ela cantava a valsa de Strauss ou a ária da «Butterfly» no «Primeiro Amor de Gata Borralheira».

A ENCENAÇÃO, A FOTOGRAFIA E A MÚSICA

O conjunto de técnicas de encenação que transformou em Cinema os momentos e as cenas impostas pelo argumento de «Pôrto de Abrigo» deixaram-nos neste aspecto num estado de franco optimismo em relação ao futuro do Cinema nacional.

Colocar a câmara dentro dum cenário, movimentá-la, escolher os seus ângulos e enquadramentos, organizar as marcações e os «raccords» foi trabalho feito duma maneira geral com acêrto, trabalho limpo que nos tranquiliza sôbre a capacidade técnica das nossas equipas de «plateau» na futura produção portuguesa.

Enquanto se tratar de ter «fósforos», papel e tinta temos obrigação e possibilidades de enfrentarmos, sem ficarmos a perder de vista, o gigante — Hollywood. Quando sofremos a comparação de estúdios e apetrechamento mecânico, luminoso, sonoro e de treino de produção as nossas possibilidades são menores — e o problema por conseqüência maior. A verdade, porém, é que com tôdas estas dificuldades e, precisamente, no problema mais difícil já conseguimos resultados satisfatórios. Daí o nosso optimismo em presença dêste aspecto de «Pôrto de Abrigo», produção nacional bem servida pela escolha de imagens e marcações — com pequenas excepções, das quais as mais graves são a canção de Maria da Graça e a perseguição que podia e devia ter sido conduzida de maneira menos confusa.

Adolfo Coelho e os seus colaboradores deram provas cabais de escrúpulo e competência na arte de «pôr em cena».



MARIA DA GRAÇA foi a grande revelação de «Pôrto de Abrigo». Os leitores de «Animatógrafo», que mesmo antes da sua estreia a acarinharam, devem sentir-se orgulhosos

Os cenários foram tratados com segurança e bons cuidados do pormenor. Só o ambiente de estrangeiro e da fronteira é «frouxo» demais para convencer. Mas o resto está certo: certa a casa do pescador, certo o «chalet», certo o quarto de Jorge, muito bem realizada a ligação do aspecto exterior com o valor das decorações interiores e— principalmente isto que é um triunfo: — foi defendido a ponto de «resistir» o ambiente do laboratório do dr. Zenthul, momento perigoso pelo pouco a sério que se toma a ideia. Aquela deslocação lateral, com a sábia escolha da luz e o arranjo convincente do cenário são um bom exemplo da maneira hábil como trabalhou a equipa técnica em que Vieira de Sousa e Júlio Vicente Ribeiro assistiram à realização, Antero Faro aos cuidados gerais do filme, Mário Costa aos cenários e Aurélio Rodrigues à caracterização.

Salazar Díniz que nesta apreciação da «équipe» deixámos para o fim propositadamente, é a chamada especial dêste capítulo. Sabíamos as condições em que trabalhava e o material de que dispunha mas sabíamos também que, ao contrário do que acontecera noutros filmes em que era obrigado a filmar sem ser nas condições que desejava, aqui, em «Pôrto de Abrigo», os produtores inteligentemente lhe tinham dado plenos poderes na parte técnica por que se responsabilizara. Aguardávamos com interêsse o seu trabalho. Saíu bem; saíu a mais equilibrada e uniforme fotografia de todos os filmes portugueses, mais, ainda, a primeira que sai com verdadeira unidade fotográfica.

A música de Jaime Silva Filho e António de Melo, merece parabéns pela melodia feliz da Canção de Maria da Graça mas tem a nossa desaprovação quanto ao fundo musical quando êle é «pouco fundo» e, domina excesivamente a acção — como acontece, por exemplo no que poderemos chamar a introdução do filme, e, além disso, discordamos do critério fatigantemente «onomatopaico» que a inspira — aspecto que é evidente no documentário Famalicão», e que só momentâneamente em condições especiais se pode justificar. — F. G.

A INTERPRETAÇÃO

Duas palavras apenas sôbre o desempenho de «Pôrto de Abrigo». É sempre difícil (senão quási impossível!) fazer representar alguém sem ter um papel. Muito pior ainda quando o argumento quási não chega a existir. Gravíssimo, quando a emoção, principal qualidade dêste género de filmes, rareia ou é mal doseada porque o convencionalismo foi demasiadamente fôrçado.

Assim, o que sucede aos actores? Limitam-se a aparecer em autênticas rábulas, defendendo-se o mais que podem da falta de «conteúdo» dos personagens que interpretam, da falta de justifi-

(Continua na pág. 13)

A crítica de PÔRTO DE ABRIGO

(Continuação da pág. central)

cação para estarem ali... sem terem nada que representar!

Preguntamos, por exemplo: o que poderia fazer mais o artista Barreto Poeira, na figura daquele «tenente Doll», que todos diriam enraivecido pelo seu fracasso e disposto a sacrificar a vida para cumprir o dever, e que nos surge de repente um apaixonado lamecha, confessando, numa explosão sentimental o seu amor incrível a «Sónia» (Elisa Carreira)?

Pôsto isto (e resolvido que estamos apreciando rábulas) queremos destacar Virgínia Soler e Óscar de Lemos, o casal de pescadores, que têm as honras dos momentos cómicos do filme. Aquela artista destaca-se pela naturalidade e vivacidade, bem secundada por Óscar de Lemos que tem aqui o seu melhor trabalho, exactamente porque não suporta as responsabilidades de um primeiro papel. Elisa Carreira lutou com a ingratidão da personagem que lhe coube. Certa, discreta, Maria Emília Vilas, que parece «doutorada» em criações de «mães» nos nossos filmes.



VIRGINIA SOLER
distingue-se particularmente em «Pôrto de Abrigo», com uma bela criação cómica

Igrejas Caeiro, mostrando as mesmas qualidades e os mesmos defeitos que lhe conhecemos do palco, apesar da sua curta carreira. António de Sousa pareceu menos «duro», menos constrangido diante da objectiva. Patrício Álvares salienta-se especialmente pela composição do tipo do chefe do bando que cobiça os planos do raio da morte. Jaime Zenóglio exibe a sua máscara num papel episódico, mudo.

Guardámos para o fim a referência à estreante Maria da Graça — bonito nome, bonito palminho de cara, com muitas e prometedoras qualidades para o cinema. A sua vocação para representar, a melhor recomendação como valor novo que surge para o cinema português, está naquele admirável «test» da cena com a boneca.

Satisfaz-nos acabar estas linhas com a afirmação de que Maria da Graça é quem melhor representa — talvez porque nunca representou... — A. F.

A MONTAGEM

Nunca nos cansaremos de proclamar, em críticas e em tôda a parte, a importância da montagem. Essa «importância» vem do facto de ser ela a última operação em que é possível alterar, de certo modo, a impressão que o filme produzirá no público.

A montagem, regulando o comprimento (e portanto a duração) de cada plano, contribui grandemente para o ritmo do filme. E dizemos contribui porque, evidentemente, o ritmo final também depende do ritmo da encenação pròpriamente dita (movimento das personagens, movimentação do aparelho, etc.).

É assim bem claro que o melhor montador não pode fazer milagres e só um caloiro ingénuo pode supor que o facto de pôr uma série de planos muito curtos atrás uns dos outros (a chamada «montagem rápida») é o bastante para acelerar o ritmo do filme, e que planos muito longos implicam infalìvelmente lentidão.

O ritmo da montagem tem assim que obedecer ao ritmo da encenação, sob pena de tornar as seqüências sacudidas e confusas, com saltos e lacunas irritantes para o espectador.

A montagem de «Pôrto de Abrigo», feita por Vieira de Sousa, não traíu, antes pelo contrário, nem a planificação nem a encenação de Adolfo Coelho. O argumento, como já se disse, segue-se claramente, e se alguma coisa prevalece nebulosa ou inexplicada, não é por falta de planos nem por sua má colocação. Há, por vezes, uns encadeados suspeitos. Mas só quem não se tiver visto em idênticos apuros ou não veja com olhos de ver os filmes estrangeiros — é que poderá ter a petulância de os criticar, no mau sentido do verbo.

Quanto às ligações de movimentos em planos consecutivos (*overlamping*), e aos planos intercalares para enriquecimento da montagem e esclarecimento da acção (*raccords*), provam, como noutras coisas já apontadas noutros capítulos, que não é capacidade técnica o que falta ao cinema português. — A. L. R.

Do Hawai escrevem a BEATRIZ!





As vedetas portuguesas principiam a tornar-se conhecidas longe, muito longe daqui. Portugal descobriu o Mundo e o Mundo está a descobrir Portugal. Ainda no número transacto noticiámos que Maria Domingas recebera uma carta de Hollywood — a capital esplendorosa do cinema — e já hoje temos outra novidade a contar e outras gravuras a reproduzir. Do Hawai escrevem a Beatriz Costa, ao cuidado de Chianca de Garcia! Lá está no carimbo: Honolulu, Hawai. Trata-se dum postal com a efígie da actriz portuguesa na «Aldeia da Roupa Branca». A Sociedade Lusitana de Hawai escolheu-a para sua padroeira.

Quem nos diria, há alguns anos, que uma estrêla do nosso cinema conquistaria popularidade em terras paradisíacas da Polinésia? Beatriz Costa merece, porém, a homenagem. E o cinema nacional sente-se honrado com a distinção de que ela foi alvo.

CARTAS DUM CINÉFILO

Inconfundível Director:

Fui ao Tivoli e fiquei maravilhado com o «Pôrto de Abrigo». É de facto um filme português que sai fora dos moldes dos outros. Até que enfim que temos uma fita sem salolos. Esta tem só pescadores e guarda fiscais, e se não fôsse isto o filme é tão bem feito que a gente não percebia que é português. Podemos considerar sem favor êste filme semi-falado como a melhor produção portuguesa de 1941. E ainda agora vamos no princípio do ano e já é assim, o que fará lá para as alturas de Outubro, com as produções do Consórcio.

Desde o princípio ao fim o «Pôrto de Abrigo» é um bom filme. A primeira parte é passada em Famalicão, onde os espiões vão à garagem meter gasolina para depois seguirem para o estrangeiro, onde a gasolina é mais cara. Os espiões aproveitam e dão uma vista de olhos pela vila e seguem então, durante o intervalo para o tal país. Chegados ao estrangeiro disfarçam-se e ficam outros por uma pena. Para a pronúncia os não denunciar não abrem o bico. Uma espia rouba os planos do raio da morte mas arrependida resolve fugir e vem a Portugal tomar banho. Atrás dela vem um tenente, que para se ver que fez uma longa caminhada vem cheio de poeira e de África vem também um espião atrás da menina. Juntaram-se os dois à esquina da fronteira e resolvem também entrar em Portugal. A espia aluga uma casa instala-se lá, aparece um galã, que é poeta e um sargento da guarda-fiscal que é cabo do mar.

O primeiro gosta da Maria da Graça mas apaixona-se pela espia. A certa altura a espia vai na onda e o galã vai no bote e leva um tiro que é para não se meter onde não é chamado. Entretanto há um pescador que dá um estalo na mulher, o que faz com que o filme continue a ser diferente dos outros e pouco depois acaba a fita porque já passava um bocadinho da meia noite e ainda faltavam os aplausos.

Eu não faltei à gala e tive pena que o senhor não me visse, pois eu estava tão bem vestido como os técnicos que apareceram no palco.

Aplaudi-os a todos e com mais entusiasmo o sr. Adolfo Coelho, porque sem ter obrigação nenhuma lá fez aquela perninha.

Já vi o filme outra vez e amanhã volto a vê-lo para então fazer a minha apreciação técnica.

Sem mais, cá continuo às suas ordens

Ignácio da Purificação

AO PÚBLICO CINÉFILO VAI SAIR "A SORTE GRANDE"

Uma nova comédia da RÁDIO-FILMES com GINGER ROGERS e RONALD COLMAN



Em dada altura, Ronald Colman arma em pintor boémio de Paris, o que parece surpreender Ginger Rogers!

Nunca é demais dizer-se que sai a sorte grande aos cinéfilos que vêem uma boa fita. Compra-se um bilhete que é o mais barato dos bilhetes que pagam espectáculos e, em troca ganha-se o direito de assistir a uma fita onde representam alguns dos melhores actores do mundo e onde comediógrafos, cenógrafos, figurinistas, bailarinos, fotógrafos, etc., empregaram o seu talento. O cinéfilo que joga nesta rifa, tem, além disso, a certeza antecipada de que sai sempre prémio e o direito de se sentar numa cómoda cadeira, numa sala aquecida se é no inverno, com ventoínhas se é no verão. Acabada a fita, ao espectador oferece-se, ainda, a última vantagem: é, uma vez por outra, poder dizer mal do trabalho que viu, isto é, do esfôrço de dezenas de pessoas. Todavia, à fôrça de se tornar corrente é fácil — o espectador só raramente se lembra de que um espectáculo cinematográfico é uma extraordinária sorte grande.

Hoje os cinéfilos querem sempre uma sorte maior, isto é: um espectáculo que os deixe felizes para uns dias, que lhe apresente duas ou três das estrêlas que prefere, em situações que êle gosta de imaginar que é capaz de viver. Hoje os cinéfilos querem grandes interpretações. Foi sabendo ser essa a sua maior sorte que Georges Haight produziu para a «Radio-Filmes» a «Sorte Grande» e entregou os principais papéis a Ginger Rogers e Ronald Colman.

Um argumento de pêso

Um argumento de pêso para garantir a graça da nova produção da «Radio-Filmes» é saber-se que o argumento vale quanto possa pesar. Com efeito os cineastas foram a uma história de Sacha Guitry, o grande humorista francês e transformaram-na no argumento duma das melhores entre as comédias que ùltimamente saíram dos estúdios de Hollywood.

O título «Sorte Grande» vai-lhe muito bem. Mas poderia com igual propriedade chamar-se «Não se Brinca com o Amor» ou «Lua de Mel para três», «Uma Aposta com Bom Prémio» ou ainda, muita outra coisa. São tantas as situações inesquecíveis da fita e tôdas tão diversas que dezenas de títulos eram possíveis com cabal justificação.

Jean (Ginger Rogers) uma rapariga espevitada que trabalha na livraria de sua tia numa terra da província, vai certa tarde levar uns livros a casa dum freguês. No caminho um seu vizinho David (Ronald Colman) deseja-lhe em ar de galanteio: «Boa sorte». E, de facto, o dia começa a correr de tal forma bem à engraçada Jean que esta resolve associar-se com o seu vizinho para jogarem ambos nas corridas.

Uma condição que é uma complicação

David aceita mas só com uma condição: se por acaso ganharem irão ao Niagara numa «lua-de-mel branca», como simples camaradas. Jean, apesar de noiva de Harper (Jack Carson) com a esperança de ganhar aceita tôdas as condições. E o noivo na esperança de que ela não ganhe aceita também...

No dia fatal Jean e David debruçados ansiosamente sôbre a telefonia que dá os resultados sabem, depois de alguma espectativa que foram contemplados com 6.000 dollars. David que vivia, em más condições, de fazer caricaturas recebe com grande alegria esta visita da fortuna, compra um carro em nome de Jean e prepara tudo para a célebre lua-de-mel fingida.

Harper ciumento (com um certo palpite, coitado!) tenta opôr-se primeiro e, depois, como nada consiga resolve segui-los. No hotel em Niagara durante um baile Jean e David chegam à conclusão de que gostam um do outro o que complica tudo... pelo menos ao noivo de Jean. De noite êste tenta surpreendê-los. Mas David já partiu, no carro, para fugir aquela situação. E Harper é tão grosseiro com as suas insinuações que Jean resolve cortar relações com êle. Estão ainda a discutir quando aparece a polícia. David tinha sido prêso, ali perto, por excesso de velocidade e suspeita de roubo de automóvel. Tinha contado uma história que Jean embrulha ainda mais quando tenta esclarecer motivo porque vai prêsa para averiguações na companhia de Harper, êste por ter arrombado a porta do quarto do hotel. E juntam-se os três na prisão.

Jean zangada com David por êsste ter fugido e causar todos aqueles dissabores; Harper furioso com David em quem, antes de mais nada, sente um rival perigoso; David envergonhado com a situação; Jean capaz de morder no estúpido Harper que a melindrou; Harper furibundo com Jean que o acusou de arrombar a porta.

O julgamento que arruma todo o caso pode considerar-se sensacional. Basta calcular mesmo por alto a tremenda complicação de tôdas estas situações e saber que o juiz é, nem mais nem menos que Harry Davenport — o mesmíssimo juiz que tanto êxito fazia em «Não o Levarás Contigo». O afortunado David que não era senão um grande pintor perseguido pelos assuntos escabrosos que escolhia consegue esclarecer a sua situação, prometendo emendar-se; a irresistível Jean também se liberta do tribunal para se prender nos braços de David; e enquanto um e outro vão gozar uma autêntica e insofismável lua-de-mel Harper fica a cumprir a pena devida a quem entre na casa alheia sem chave própria. A verdade, porém, é que êle é o mais roubado de todos.

S. L.



Ronald tem decidido jeito para desenhar, como se prova pelo documento junto. Que inveja vão ter os filhos dos leitores!...



Que chapéu! Mas atrevam-se a não ser tão lindas como Ginger e a pô-lo, a ver o que lhes acontece...

"O OUTRO", de Garson Kanin

Visto por

António Lopes Ribeiro

Poucos filmes nos têm impressionado tanto como «O Outro», de Garson Karin, que vimos na semana passada, no Tivoli. E poucos terão provocado tão acerbas discussões, contrapondo tão opostos pareceres. Por isso temos meditado muito sôbre êle, no seu conjunto e nos seus pormenores, preguntando a nós próprios qual o motivo da sua singularidade.

Julgamos ter chegado a algumas conclusões esclarecedoras, que damos a seguir.

I

Se analisarmos o argumento de «O Outro», extraído duma peça teatral de Sidney Howard, veremos que êle reúne tôdas as condições que permitem fazer dum filme alguma coisa mais que uma sucessão banal de cenas «divertidas» ou simplesmente «interessantes», um drama profundamente humano, profundamente sério, em que a mínima transigência com as convenções habituais do espectáculo deitaria a perder tôda a *obra de arte*, transformando o esfôrço colossal de todos em esfôrço inútil. Resta porém saber se tais argumentos são *próprios* do cinema, ou antes: se lhe são *convenientes*.

Sob o ponto de vista «comercial», tal como se entende neste «Jardim da Europa à beira-mar plantado» — evidentemente que não. Mas *lá fora* — fia mais fino: certas ousadias, certas reacções contra as regras do jôgo podem, exactamente, resultar *comerciais*. Sob o ponto de vista artístico, alguns dirão que é êsse o domínio mais «nobre» do Cinema, e que afastar-se dêle é traír a Arte com letra grande. Nós diremos, tìmidamente, que êsse *também* é o domínio legítimo do Cinema, visto que pode abordá-lo com grandeza e sem ridículo (veja-se «Casa desfeita», «Veneno Europeu», «Sombras da Rua», «O Outro») — mas que outros campos diametralmente opostos também o são (veja-se «Irene», «Três raparigas cresceram», «As Aventuras de Robin dos Bosques», «Sinfonia dos Trópicos», etc.).

Um italiano, Tony Patucci, forte e bom como a própria Natureza, mas feio e boçal, vive feliz com o capataz José, numa quinta que tem na Califórnia. Descobre a rapariga dos seus sonhos a servir num restaurante de São Francisco e propõe-lhe casamento, por carta. Ela aceita, mas pede-lhe um retrato. Para a não desiludir, para ter a certeza de que ela vem, o feio Tony manda-lhe o retrato do belo José. A rapariga, Anny, toma o primeiro combóio, e tôda ela se enfeita para o primeiro encontro. A decepção de Anny ao ver o verdadeiro aspecto de Tony — só Garson Kanin a soube descrever. *Mas ela sabe o que quere:* uma casa, um lar, o futuro garantido. E fica. A alegria de Tony manifesta-se tão exuberantemente que, durante uma festa, cai do telhado abaixo e parte ambas as pernas. Casamento adiado. Má acção de Tony. Acção (feia acção!) de Joe. Tentação de Anny...

(Até aqui o nosso público achou tudo muito bem, dentro das regras, e não oculta o seu agrado).

Mas eis que Anny, em vez de continuar, passa a odiar Joe. E Joe, em vez de insistir, só pensa em abalar para longe. — Tony que, alheio a tudo, procura reconciliar os dois entes a quem mais quere no mundo, e leva o santo dia a pedir a Joe que não parta, que seja amigo, que fique a tratar da vinha...

(E o bom do público começa a desconfiar, a perceber que as coisas não vão correr «tão bem» como êle supusera).

Tony é rijo, as pernas ficam finas. Levanta-se. Já pode tratar da vinha e do casamento. E logo Joe dá às de Vila Diogo, com grande alívio de Anny.

(Aqui, o público afina: queria que Anny ficasse a suspirar pelo Joe, com imensas saüdades, e a fazer figas ao Tony. E se ela temperasse com arsénico o macarrão do Patucci — então é que era uma fita!...)

Tony fica desolado com a partida brusca de Joe, sem sequer lhe dizer adeus. Mas Joe regressa inesperadamente!...

(O público anima-se. As coisas parecem compor-se).

Joe diz a Anny: — Voltei para reparar a minha falta. Anda daí comigo e vamos casar.

(O público percebe que está o caldo definitivamente entornado, que a fita é duma imoralidade a tôda a prova, e fica pior que uma barata).

A própria Anny decide ir-se embora, por não ter coragem para receber, culpada, o amor puríssimo de Tony. Mas Tony vê-a de mala aviada, imagina que ela vai fugir com Joe — e compreende tudo.

Então, como um deus irado, castiga o amigo infiel. Joe recebe as pancadas brutalíssimas, imóvel, como um castigo do céu. Fica de pé. E é Tony que lhe cai aos pés, vergado ao pêso da sua dôr. Joe parte, lentamente, para não mais voltar. E Anny vai partir também. Mas Tony chama-a docemente. Onde vai ela?... Porque não há-de casar com êle, e ser feliz?... Tony perdoa-lhe de boa vontade, tanto mais que a mandou vir pelo correio, como uma encomenda, e nenhuns direitos tem ainda sôbre ela. Além disso — *também êle sabe o que quere.* Por isso Anny deve ficar.

Então Anny tem esta frase sublime:

— Tu perdoas-me, porque és bom. Mas eu é que não posso perdoar a mim própria!...

Um padre católico, que acompanha todo êste drama bíblico com a infinita piedade que Jesus prègou, diz-lhe, porém:

— Fique. Olhe que há poucos homens capazes de perdoar assim.

Promete a Tony conservá-la junto de si até que o tempo sare as chagas que se abriram — e o filme termina sôbre uma grande esperança.

Êste argumento poderia servir para um filme de Chaplin — pois todos os filmes de Charlot propõem o mesmo magno problema, que é o da felicidade conseguida por intermédio do amor. Veremos, num próximo artigo, como o *defenderia* Charlie Chaplin e como o *atacou* Garson Kanin.

CINEMA DE AMADORES
NA S. N. DE BELAS ARTES

(Conclusão da pág. 8)

vessam um riacho extraordinàriamente fotogénico.

Êste filme recente-se da falta de material (filme impressionado) para terminar condignamente a documentação daquela província portuguesa.

Assim como está choca-nos bastante o seu FIM brusco.

Ao criticarmos o filme «Portugal» de que esta produção é uma seqüência escrevemos *O colorido tem por vezes aspectos maravilhosos de encantadora realidade* o que se ajusta perfeitamente a «Ribatejo».

Para encerramento da sessão projectou-se o filme polaco «Casamento na aldeia» do amador T. Jankowki, que por ser considerado oficialmente o melhor filme internacional de amador no ano de 1938 nos provocou justificado interêsse.

Além de divulgar aspectos e usos estranhos aos nossos costumes êste filme possui uma particularidade que se sobrepõe de tal maneira, tornando-se o principal atractivo de tôda a obra.

A fotografia colorida! Côr fielmente espantosa e de perfeita unidade fotográfica, se bem que um pouco *passada* o que, em nosso entender, mais a valoriza, e que prende da primeira à última imagem o espectador. É a paisagem, são o strajes e os interiores, enfim um encanto que só o colorido pode dar.

Não se verifica neste filme nenhuma tendência para um predomínio de côr, nem um exagêro de tonalidades. Os tons são absolutamente fiéis.

Supomos ter sido êste facto que maior influência teve para a alta classificação dêste filme, pois a parte artística não se encontra a altura de merecer a honra dum primeiro prémio. Observamos isto, absolutamente conscientes de que o autor com um pouco de gôsto artístico e imaginação servido pelo esplêndido colorido, podia ter construído um filme, mesmo dentro da sua categoria, muito mais interessante.

Assim como está leva-nos sòmente a admirar o colorido.

Pretendeu em certa altura T. Jankowski ser subjectivo, mas a sua intenção não resultou. Referimo-nos à cena do casamento, que teria sido mais *acessível* ao espectador sem aquela rodriquinho de imaginação que briga com a simplicidade total do filme.

JOÃO MENDES

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES» (S. I. F.)
— Por ter atingido, no Politeama, a 7.ª semana de exibição.

«HERÓI DE ONTEM» (Filmes Alcântara)
— A interpretação de VICTOR MC LAGLEN.
— A presença cativante de NAN GREY.
— O sabor viril da história.

«O CRIADOR DE ESTRÊLAS» (Paramount)
— Os bons momentos da encenação de ROY DEL RUTH, magnìficamente servida pela colaboração de todos os técnicos e artistas.
— As faculdades de actriz e de cantora de LINDA WARE.
— A actuação dos grupos de crianças, especialmente nas cenas de revista.

«O PAI DA CRIANÇA» (Filmes Alcântara)
— A graça e o ar feliz de BABY SANDY.
— Os bailarinos acrobáticos.
— Os fantoches que apresentam Boris (MISCHA AUER) e Jimmy (DENIS O'KEEFE).

«REBECCA» (Sonoro Filme)
— Por ter atingido, no S. Luiz, a quarta semana de exibição.

"O CRIADOR DE ESTRÊLAS"

(The Star Maker)

O Cinema, numa atitude completamente diferente da que o Teatro tem adoptado para consigo, tem dedicado ao seu concorrente (não lhe chamamos «inimigo») atenção e carinho singularmente compreensivos, quer escolhendo para tema dalgumas das suas melhores obras a «magia» do teatro («Glória de um dia», «A Porta das Estrêlas», «Gente Nova», «De Braço Dado» — para só citar quatro), quer biografando as vidas de empresários teatrais famosos, como o Grande Ziegfeld, David Belasco — e agora Gus Edwards, empresário e compositor americano, de que «O Criador de Estrêlas» nos conta, romanceando — a um tanto, a carreira vária e curiosa. Curiosa porque diferente das dos seus confrades. Gus Edwards começou por «lançar» grandes conjuntos infantis; chegou a ter mais de uma dezena de companhias teatrais, inteiramente compostas por crianças, a funcionar ao mesmo tempo nos Estados Unidos. De repente, uma ofensiva das famigeradas «ligas filantrópicas» pôs ponto no negócio. Começava nessa altura a exploração comercial da rádio. Edwards viu o futuro extraordinário da nova invenção e sem perder tempo transformou-se no grande «empresário radiofónico» que ainda hoje é.

Tudo isto o filme descreve, com habilidade, com interêsse e com brilho. Não se trata de uma produção da categoria do «Ziegfield» ou de «Sinfonias Modernas», mas é indiscutìvelmente um filme esplêndido e um belo espectáculo. Certos momentos atingem mesmo alto nível de qualidade e brilho. Outra coisa não era de esperar da competência dos técnicos e artistas que colaboraram na realização. No argumento e planificação trabalharam Arthur Caesar, Don Hartman, William Pierce e Frank Buttler; a fotografia é de Karl Struss; as decorações de Hans Dreier e Robert Usher; a direcção musical de Alfred Newman; algumas das canções são do próprio Gus Edwards; e a encenação foi dirigida por Roy del Ruth, mestre do género (veja-se, por exemplo, como êle «mexeu» o quadro da escola. O grupo dos intérpretes não é menos considerável e brilhante. Bing Crosby, faz Gus Edwards (que no filme se chama Larry Earl e canta magnìficamente — et pour cause); Louise Campbell encarna a Mrs. Edwards com muita sensibilidade e compreensão; Ned Sparks tem uma das suas impagáveis criações; os excelentes Billy Gilbert e Laura Hope Crews aparecem em duas figuras, secundárias apenas em relação à extensão das suas rábulas; tem autêntico interêsse a intervenção do maestro Walter Damrosch e da sua orquestra sinfónica; e constitue poderoso atractivo a actuação multiforme de um numeroso grupo de miúdos, que representa, canta e dança como gente grande, especialmente Linda Ware, uma rapariga de catorze anos, senhora e dona de uma cara engraçada e de uma voz fenomenal para a sua idade, que mostra poder competir com Deanna Durbin a cantar árias de ópera, e com Judy Garland a cantar música «swing».

Costuma dizer-se que muita gente junta não se salva. Quando é da fôrça dos colaboradores de «O Criador de Estrêlas» — salva-se mesmo. Prova-o à larga o próprio filme. — D. M.

"O PAI DA CRIANÇA"

(Unexpecter Father)

Nos corredores, depois da exibição dêste filme, ouvimos uns senhores com cara de espertos a discutir um problema muito grave: se Baby Sandy era um miúdo ou um anão. Ouvimos de passagem e ficámos sem saber a conclusão que, aliás, não nos interessa nada.

Não há dúvida que Sandy é, na verdade, um garoto, um miúdo; caso contrário seria, até, muito de discutir se o seu valor espectacular, se a graça que o pequeno actor transmite à plateia — teria alguma coisa que ver com a sua certidão de idade.

Os homens do cinema americano agarraram em Baby Sandy e convencidos de que uma tão encantadora boa disposição, era capaz de fazer fitas que enterneceriam tôdas as plateias, não hesitaram em criar histórias especiais para êle e em o rodear dum conjunto de actores de valor.

Em o «Pai da Criança» Mischa Auer e Dennis O'Keefe e as cativantes raparigas que são Shirley Ross e Joy Hodges representam com a conhecida e perfeita naturalidade americana os principais personagens dum despretencioso mas muito agradável argumento em que além das traquinices de Sandy, assistimos a alguns notáveis números de «music-hall», entre os quais destacamos um par de bailarinos acrobáticos de muito valor. Os fantoches «apresentados» por Boris (Mischa Auer) e Jimmy (D. O'Keefe) são dos mais originais e engraçados que temos visto.

Fita com realização e fotografia muito apreciável respectivamente de Charles Lamont e George Robinson. — F. G.

"HERÓI DE ONTEM"

(Ex-Champi)

À volta da vida dum velho campeão de box retirado sem fortuna e, ainda, com a pouca sorte de querer sempre valer aos amigos necessitados, Burt Kelly produziu uma história com um sentido construtivo de certo vigor, muito bem interpretada, na sua figura central por Victor Mc Laglen.

Um filho educado nos tempos de fortuna renega o pai e o seu elemento quando casa na alta-roda; uma filha que faz tudo para amenizar a vida dura e as saüdades de glória do pai; um jovem aluno que feito novo campeão pelo velho campeão traz novamente a alegria de todos e um amigo da família que nunca se esquece de aparecer às refeições são além do «ex-champ» as principais personagens da história, interpretadas com perfeição respectivamente por Donald Briggs, Nan Grey, Tom Brown e William Fawley.

Nan Grey, que cada vez que nos aparece na tela está mais engraçada, prepara-se com grandes passos para nos aparecer como grande vedeta, quando lhe quiserem dar papel que dê brado. Graciosa, de atraente presença, interpreta com muita correcção e alguns notáveis pormenores a sua Joan, filha do Gunner, a que Mc Laglen dá uma interpretação vigorosa.

Philip Rosen dirigiu com muito acêrto a encenação da história que foi escrita por Kahn Gottlieb e Hartmann e na qual é justo fazer avultar as peripécias à volta do combate final, cheias de espectativa, de emoção e rematadas com graça.

Uma vaga intenção moral, não excessivamente vincada mas suficientemente clara, assente no problema das relações do pai com o filho colocado na alta sociedade perpassa através de tôda a história valorizando-a. A «saüdade» dos velhos «águias» do ring, com as evocações dos seus combates, a vaidade dos triunfos e o espírito com que lembram as suas derrotas são a base da parte alegre da história aliás também bastante feliz. — F. O.

TITULOS ILUSTRADOS



«PÔRTO DE ABRIGO»

A GALERIA DO "ANIMATÓGRAFO"

Este número inclue dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores dêste jornal.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

No próximo filme de WALT DISNEY entram actores de carne e ôsso!

É a Walt Disney, ao seu espírito audacioso e innovador, que se fica devendo a produção de filmes de desenhos animados de grande metragem. A «Branca de Neve e os Sete Anões», o seu primeiro ensaio dentro dêsse campo, seguiu-se «Pinocchio», que Portugal acaba de ver, e há pouco mais de dois meses a a sua tão louvada e admirada «Fantasia», de carácter absolutamente diferente daqueles seus dois outros filmes.

Enquanto estes se baseiam num argumento, o assunto de «Fantasia» é constituído por uma série de maravilhosas ilustrações de célebres partituras musicais, executadas pela orquestra Sinfónica de Filadélfia, da direcção de Leopoldo Stokowsky, o maestro que os cinéfilos bem conhecem de «100 homens e uma rapariga», o segundo filme de Deanna Durbin, e através da sua tão falada e movimentada viagem pela Europa, há-de haver três anos, como «cavalier servant» de Greta Garbo...

Agora Disney acaba de tornar público o título e algumas particularidades que caracterizam o seu filme de larga metragem. Chama-se êste *The Reluctant Dragon*, e pela primeira vez na história de Disney, ao lado dos seus bonecos maravilhosos, contracenando com êles, aparecerão figuras humanas. Dos actores de carne e ôsso, o nome mais importante é o de Robert Benchley, o grande comediante americano que vimos em alguns filmes da Metro Goldwyn Mayer.

Devemos esclarecer que se é a primeira vez que o caso se dá nos filmes de Disney, não é contudo aquele o primeiro filme em que homens e bonecos aparecem juntos. Essa primazia fica-se devendo a Max Fleisher, na sua série de desenhos para a Paramount, do palhaço Koko, que em Portugal foi crismado com o nome de Tony Tinta.

«O Dragão Antipático» é produzido nos novos estúdios de Disney, que custaram a módica quantia de dois milhões de dólares e distribuído pela RKO-Radio Filmes.

Uma nova opereta para ANNA NEAGLE

Anne Neagle, a bela e notável vedeta inglesa, de quem no número passado publicámos o retrato e a biografia, parece empenhada em interpretar no cinema as mais populares operetas americanas contemporâneas. Agora, depois de a ter-mos visto em «Irene», depois de ter criado «No, No, Nanette», que a RKO-Radio Filmes dentro em breve vai apresentar em Portugal, sabe-se que o seu próximo filme é a adaptação cinematográfica de «Sunny» de que foi feita já, no princípio do sonoro uma primeira versão colorida, que o Tivoli exibiu em 1931. O filme será exibido por Herbert Wilcox, e o novo galã John Carrol, será o «leading man» de Anna Neagle.

A título de curiosidade diremos que Herbert Wilcox, quando deixou a Inglaterra para se fixar em Hollywood, trouxe para a América, para com êle continuar a trabalhar, o grupo que habitualmente colaborava em Londres, desde o operador ao aderecista, de forma a que a «unidade habitual dos seus filmes se não perdesse». Escusado será dizer que só um produtor da categoria de Wilcox poderá permitir-se um tal capricho.

FITAS NA FORJA

- *VICTORY, com Frederich March, Betty Field, Sir Cedric Hardwick, Jerome Cowan, Sig Rumann, Margaret Wycherly, Fritz Feld, Lionel Royce, Rafaela Ottiano e Chester Gan. Realização de John Cromwell. (Paramount).*
- *SOUTH OF SUEZ, com George Brent, Brenda Marshall, George Tobias, James Stephenson, Lee Patrick, Eric Blore, Miles Mander, Mary Forbes, Gilbert Emery, Cranford Kent e Holmes Herbert. Dirigida por Lewis Geiler. Warner Bros. (S. I. F.).*
- *THE INVISIBLE WOMAN, com Virginia Bruce, John Barrymore, John Howard, Charlie Ruggles, Oscar Homolka, Edward Brophy, Anne Nagel, Kathryn Adams, Maria Montez, Charles Lane, Mary Gordon e Thurston Hall. Realização de A. Edward Sutherland. Universal. (Filmes Alcântara).*
- *BOWERY BOY, com Dennis O'Keefe, Louise Campbell, Jimmy Lydon, Helen Vinson, Roger Pryor, Paul Hurst, Edward Gargan, John Kelly, Selmer Jackson, Howard Hickman e Frederick Burton. Realizado por William Morgan. Republic. (Filmes Luiz Machado).*

ELEANOR POWELL vedeta de «Lady Be Good»

Em 1925, um dos mais clamorosos êxitos de Broadway foi, sem dúvida, a opereta «Lady, Be Good», que durante meses e meses se manteve no cartaz. Êsse êxito deve-se, principalmente, a três factores: ao luxo e grandiosidade de sua montagem à música incomparável de George Gershwin e à interpretação viva e alegre de Fred Astaire e sua irmã Adele, que começaram no teatro a sua extraordinária carreira.

Pois êsse grande êxito de há três lustros vai ser agora levado ao cinema. É a Metro Goldwyn Mayer que produzirá *Lady, Be Good* sob a direcção competentíssima de Busby Berkeley. São seus intérpretes principais a extraordinária bailarina que é Eleanor Powell, o tenor Tony Martin, ex-marido de Alice Faye e a provocante Ann Sothern.

Elenco REPUBLIC 1941

A par das grandes companhias produtoras americanas outras existem de menor importância, pela proporção menor de capitais nelas investidos, como duma maneira geral, pela natural modéstia das suas produções e pelo menor brilho das suas estrêlas. Isso não impede, porém, que seja importante o volume da sua produção. São as chamadas «Independentes», que durante largo tempo estiveram fora da alçada da Motion Pictures Producers and Distributors of America, a organização de Will Hays, cuja acção é a censura prévia de todos os argumentos a filmar de forma a depurar os filmes de tudo aquilo que pudesse vir a ser objecto de restrições das censuras dos vários estados do continente americano, bem como das dos países estrangeiros.

Entre elas contam-se os nomes da Monogram, Aliance, Allied e Republic. De tôdas elas é esta, sem dúvida a mais importante

Exactamente por isso vamos dar hoje a conhecer a lista dos seus principais artistas. São estrêlas da Republic, Gene Autry, o famoso «cow-boy» cantor, cuja popularidade nos Estados Unidos é verdadeiramente invulgar, John Wayne, Judy Canova, Roy Rogers, Bob Livingston, Claire Trevor, Don «Red» Barry, Chester Morris, a família James Gleason, Lloyd Nolan, Edmund Lowe e Richard Cromwell.

No grupo dos artistas secundários encontram-se os nomes de Siniley Burnette, Jimmy Durante, Kenny Baker, Charles Bickford, Johny Downs, Ruth Terry, Barton Mac Lane, Lola Lane, Frances Langford, June Storny, Robert Armstrong, Ann Miller, Rose Hobart, o cow-boy Bob Steele, Patsy Kelly, Jerry Colonna, Dennis O'Keefe, Roscoe Karns, Ruth Donnelly, Mary Boland, Jacqueline Wells, Raymond Hatton, Duncan Renaldo, que foi um dos principais intérpretes de «Trader Horn», Mary Lee e Polly Moran.

A Republic é representada no nosso país por Filmes Luiz Machado.

DUVIVIER a contas com os tribunais

Julien Duvivier, embora não começasse ainda a sua actividade em estúdios americanos, está já fazendo falar de si os tribunais americanos.

A história é simples, segundo a contam os jornais: Duvivier saíra de França, onde deixara concluído o filme «Un tel, père et fils», que não chegou a ser exibido, para ir cumprir um contrato que assinara com a Transcontinental Film, uma firma americana, que lhe assegurava a realização de dois filmes à razão de oitenta mil dólares por filme, além duma percentagem nos lucros.

Contudo, a-pesar das óptimas condições dêsse contrato, Julien Duvivier preferiu desinteressar-se daquilo a que se comprometera, para em sua vez, passar a trabalhar com Alexandre Korda, na United Artists.

Claro que os dirigentes da Transcontinental não acharam graça nenhuma à resolução de Duvivier, e por isso delegaram nos tribunais a solução do caso.

O Correio de Bel Tenebroso

Se os astros forem propícios (tôda a Redacção pratica a Astrologia!) será já no próximo número que daremos 4 páginas especiais destinadas ao correio!

DOIDA POR MÚSICA. — «Louca por cinema... doida por música... e apaixonada pela aviação...» O retrato não está mal. E seria mais assustador, se estivesses «louca por um cineasta... doida por um músico... e apaixonada por um aviador...». — Elisa Carreira, trabalhou, outrora, nos palcos portugueses. Foi das vedetas favoritas no tempo em que o Eden, não pensava ainda que viria a ser cinema, e que teria na fachada aqueles vistosos cartazes, com os luminares da Cinelândia. — Creio que Maria Paula lhe enviará a desejada fotografia. Escreva-lhe por intermédio da nossa revista.

BENJAMINA. — Ignoro se o cinema chama em seu auxílio as substâncias isoladoras a que V. se refere. Não creio que tenham poder, no entanto, para que os astros e estrêlas se mantenham a coberto do perigo da ressonância, quando filmam as cenas a que V alude. Como vê, eu hoje estou com uma linguagem cem por cento técnica. Não há nada como a rigidez das palavras da ciência. — Estou ansioso por ver o *Tufão*, com a minha tão «insultada» Lamour. V. já reparou que ela aparece sempre muito soprada: «Tufão, Furacão, etc.» Não admira ela é fogo, e necessita de ser ateada! — A história do sôco no estômago pôs-me «Knock-out!» *Benjamina*, venha de lá tudo isso contado, por miúdos... — Espero que já não tenha motivos para fazer ausência ao Cinema. — Aguardo as suas críticas, com o maior interêsse. — Como é contra o colectivismo, terá a desforra qualquer dia!

MÁRIO SOARES. — Deanna Durbin continua solteira. — Não creias no que me referes. Boatos!

J. COUTINHO FERNANDES. Irene Dunne completa 37 anos, no dia 14 de Julho de 1941. Escreve-lhe para R. K. O., Radio Pictures Studios, Gower Street, 780 Hollyood, Califórnia. — Obrigado pelos teus bons votos.

DINHAMÁ — Com diz o vulgo, não podes ser boa pessoa. Mal tinha acabado de escrever o teu nome, e logo me saltou uma carta tua... Dizes-me que estás deliciada a ouvir música da Emissora. Tiveste sorte, *Dinhamá*. Apanhaste os minutos de excepção, que confirmam a regra... — Se gosto de música? Claro que sim. De qual? Conforme a hora e a disposição. De resto, deve acontecer o mesmo com tôdas as pessoas. — Até à próxima, *Dinhamá*.

FLOR DOS ALPES. — Deanna Durbin e Charles Boyer foram já homenageados nas páginas de honra de *Animatógrafo* — Separata do n.º 2; Charles Boyer e Ginger Rogers; do n.º 3: Paulette Godard e Errol Flyn. — Vê lá como são as coisas: andas a suspirar por uma foto do Boyer e ela, afinal, antecipou-se ao teu desejo... Se quiseres os n.ºs de *Animatógrafo* que te faltam, poderás pedi-los à Administração de *Animatógrafo*, R. do Alecrim, 65, 1.º, enviando a respectiva importância em selos de correio. — Charles Boyer só contracenou com Danielle Darrieux em *Mayerling*. Depois disso, encheram-se ambos de importância e já não cabem no mesmo filme... — É muito longa a lista dos filmes de Boyer para a incluir nesta secção. Breve terás uma biografia dêle, com todos os dados.

GAROTA DE LISBOA. — também prefiro *Minha mulher favorita* a *Bigamia*, o que aliás é da mais sã moral, se as palavras que compõe os títulos dos dois filmes, passarem a ter o seu valor corrente... — *Levada pelo Vento*, que em Portugal se chamará, possivelmente, *E tudo o vento levou*, deve ser exibido no decurso da próxima temporada — Marlene aparecerá, êste ano em *Destry Rides* e acabou um filme que se intitula *Os 7 pecados*, nome sugestivo, como estás vendo...

REY... SEM TRONO. — Respondo a duas cartas tuas, naquele estilo telegráfico que as circunstâncias do momento e a crescente acumulação de cartas impõem. — Êste leitor deseja cartear-se com *Fotogénica*, *Scarlet*, *Marília*, *Maria Isabel*, *Eterna Garota*, *Antinea*, *Benjamina*, *Miss Século XX* e *Deanna Durbin's Fan*. — A ideia de filmar *Lusíadas* está posta de parte, como aliás, pelo menos por agora, manda o mais elementar bom-senso...

BOB TAYLOR. — *Quando o outro dia chegou* é um bom filme. Mas, como dizes, Charles Boyer e Irene Dunne estão longe dos seus melhores papeis. — Saúdo, conforme pedes, em teu nome, *Scarlet*, *Fotogénica*, *Shirley aviadora*, *Marília* e *Maria de Portugal*.

DOIDO POR MÚSICA. — Como vês, as tuas cartas vão aparecendo e as respostas também. Saber esperar é uma virtude. — O parceiro da Ginger em *Mãezinha à fôrça* foi David Niven. Podes escrever a Maria Paula por intermédio de *Animatógrafo*. — É melhor aguardares outra oportunidade para solicitares de Danièle Darrieux a desejada foto. — O próximo filme de Deanna Durbin a estrear em Portugal é *It's a date*. — Dizes-me que te pareces com a famosa intérprete de *First Love!* — Toma cautela quando encontrares um sósia do Robert Stack...

FOTOGÉNICA. — Maria da Graça, por ora, ainda não tem secretário ou secretária, para abrir a correspondência que lhe é destinada. Mais dia menos dia, a avaliar pela popularidade e simpatia que conta, talvez tenha que utilizar os préstimos dum ajudante. — Transmito a todos os leitores de que estás d a trocar várias fotos de estrêlas (18 × 24) por uma de Ginger Rogers ou do par Fred-Ginger. — Com que então «irrito-te com a mania *(sic)* de que sou invisível...» Se eu tivesse a pretensão de que era *fotogénico* é que a «mania» poderia ser irritante... Não te parece?!...

SWING CINÉFILO. — A correspondência de *Bel Tenebroso* é tanta, tanta, que nem tu o poderás sonhar... — *Pôrto de Abrigo* deve estrear-se nos primeiros dias de Fevereiro, no Tivoli.

STUART MEDEIROS. — *O regresso de Frank James* é, de facto, um bom filme, onde se sente a «garra» de Fritz Lang, realizador de minhas predilecções, mesmo depois de ter ido para a América. Ao contrário de muitos, eu penso que êle não perdeu aquelas qualidades que o tornaram célebre. — Não acredites na «morte» de Dorothy. Quando uma artista tem a «presença» da vedeta de *Tufão* é meio caminho andado para o seu êxito!... E olha que nem sempre tem sido feliz com os filmes que lhe coube interpretar. — Brenda Joyce é, certamente, uma excelente artista. Mas não suponhas, também, que ela «matará» a Myrna Loy, que tem um lugar de relêvo na tela e outro, favorito, no coração de todos nós. — A Deanna tem mais do que o fio de voz e o fio de sorte que alguns pretendem... Não há celebridades prêsas por linhas, em Hollywood...

PINOCCHIA. — Parece-me bem a tinta verde. Mas não quero que penses que ela me hipnotizou... Pelo contrário: quando vejo a tinta verde, que é sinal de via livre, corro o risco de me não deter, e passar adiante... — «Se soubesse como tu estás zangada!»... Era capaz de te não responder?!... — *Zé Fernandes* escreveu-me duas cartas, e pronto... Espero qualquer dia tornar a receber notícias dêle. — Aqui tens a resposta à tua cartinha. Se me não pedes «pela boa sorte da Lamour» era capaz de te não escrever...

JOAQUIM SIMAIS (?) ÂNGELO. — Podes solicitar a foto de Maria Domingas por intermédio de *Animatógrafo*. Isto é: escreve-lhe uma carta a pedi-la. E nós a faremos chegar às mãos da simpática vedeta de *João Ratão*.

F. RIBEIRO. — Maria da Graça, intérprete de *Pôrto de Abrigo*, nada tem que ver com a cantora, do mesmo nome, da Emissora Nacional.

Bel-Tenebroso

O REFERENDUM DOS RETRATOS

JEANETTE MAC DONALD e WILLIAM POWELL vão à cabeça!

A contagem de votos desta semana deu a vitória a dois artistas do cinema americano muito queridos do nosso público. A concorrência de votos, que já era grande, aumentou por forma considerável, o que bem demonstra o interêsse dos leitores pelos seus artistas predilectos.

Esta semana, registam-se factos curiosos: a subida de Laurence Olivier, certamente pelo seu êxito em Rebecca, *e a de Betty Grabble, perfeitamente justificável pela sua interpretação em «Sinfonia dos Trópicos». Além disso, Maria da Graça e Óscar de Lemos tomam balanço impressionante. Maria da Graça já ultrapassou (parabens aos interessados!) Deanna Durbin, que, como se sabe, é votada pela segunda vez.*

As posições das estrêlas são como seguem:

1—JEANNETE MAC DONALD.	1—WILLIAM POWELL.
2—MARIA DA GRAÇA.	2—SPENCER TRACY.
3—DEANNA DURBIN.	3—ÓSCAR DE LEMOS.
4—BETTY GRABLE.	4—CARY GRANT.
DANIELLE DARRIEUX.	5—LAURENCE OLIVIER.
6—HELEN PARRISH.	6—MICKEY ROONEY.
7—JOAN BENNETT.	7—RICHARD GREENE.
8—INGRID BERGMAN.	MELVYN DOUGLAS.
9—GRETA GARBO.	9—NELSON EDDY.
10—ELEANOR POWELL.	10—PAUL MUNI.

Os admiradores dos artistas célebres travam, como se vê, um duelo intenso e curioso. Nenhum quere ficar derrotado, de modo que todos redobram de esforços para conseguir que a vera efígie do seu favorito seja publicada em «hors-texte».

Repetimos o pedido que fizemos no nosso último número: os leitores que quiserem enviar as suas senhas de voto podem colá-las em simples postais e remetê-las, não para «Bel Tenebroso», que está assoberbado com o trabalho do seu correio, mas simplesmente para a Redacção, indicando Referendum dos Retratos.

Dêste modo, evitam-se atrazos de recepção das senhas, pois vão logo direitinhas às mãos do redactor encarregado de as registar.

A entrevista com Gabriel Pascal

(Continuação da pág. 9)

tanto queria. O «Anchluss» deitara por terra os negócios que deixara encetados na Áustria, antes de demandar a América. Olhando em sua volta, a situação não era, de-facto, animadora.

O minuto decisivo

Um dia — é êle que nos conta — quando passeava os olhos distraìdamente sôbre a página dum jornal, onde os Teatros de Paris, desfilavam, em parte, deteve-se, por um instante, ante o anúncio de certa peça de Tchechkov, autor russo que fôra durante muitos anos, um dos seus escritores favoritos! Tchekov evocou-lhe outro nome: Pirandello! E Pirandello trouxe à sua mente encandecida a visão de George Bernard Shaw!

Quantas e quantas vezes pensara no «tiro» que seria a adaptação à tela duma peça de G. B. S. — como lhe chamam em Inglaterra, correntemente! *Santa Joana* aparecia-lhe como um espectáculo formidável, na sua versão cinematográfica. *O Discípulo de Demónio* oferecia também possibilidades aliciantes, numa transposição para a tela branca... Mas acima de tôdas, *Pigmaleão* com a originalidade do seu tema, com os conceitos sociais que envolve, com o espantoso diálogo que a tornou célebre...

Gabriel Pascal, se tivesse a serenidade precisa para dar um balanço justo à viabilidade do projecto, teria desistido. Mas apenas se interessou por outro balanço: o das suas algibeiras. Possuía o dinheiro necessário para demandar Hardfordshire, onde a misantropia de Shaw encontrava clima mais favorável. Iria falar com o Mestre. Nada o poderia deter.

A resolução inabalável firmou-se num instante! Êste foi, sem dúvida, o momento decisivo da sua carreira.

A conversão de Bernard Shaw

Os grandes homens também têm as suas manias e olham a Vida por um prisma diferente do do vulgo da Humanidade. Se Gabriel Pascal fôsse, na data em que o procurou, um argentário, se se houvesse apeado dum «40 cavalos», depois de lhe solicitar prèviamente uma audiência — é possível que Bernard Shaw se desinteressasse do assunto, na hipótese improvável de estar disposto a recebê-lo.

Mas Pascal apareceu em sua casa depois duma longa caminhada a pé, através duma estrada batida por uma chuva que gelava os ossos. Surgiu, não como um negociante, que se atreve a mercadejar, com um dos maiores nomes da literatura dos nossos dias, uma das suas obras favoritas — mas como um artista, ansioso por levar para a tela o Encanto, a Beleza, a Arte que se desprendem das obras do grande dramaturgo inglês. E foi mais longe. Levado pela música aliciante das próprias palavras, Pascal ousou pedir-lhe que adaptasse o diálogo às exigências do cinema. Noutros tempos, Shaw ter-se-ia insurgido com o que lhe apareceria como uma monstruosidade. Mas era tarde, já, para poder resistir. Aquele homem, de aspecto febril, que aguardava, ansioso, uma palavra sua, havia-o dominado, havia-o conquistado pelo ardor quási apostólico e pela sinceridade transbordante das suas falas. George Bernard Shaw assinou tranqüìlamente a cessão dos direitos da sua obra predilecta, a favor de Gabriel Pascal, e comprometeu-se ainda a escrever, sôbre o diálogo da peça, o diálogo necessário para a obra cinematográfica, que deveria conquistar o Mundo!

O resto já todos sabem. *Pigmaleão*, que Lisboa viu e aplaudiu, foi um dos maiores acontecimentos cinematográficos dos últimos anos.

O Almanaque de «Motion Picture Herald», repositório das celebridades do mundo do cinema, que há dois anos «ignorava» o nome do produtor hoje famoso, dedica-lhe agora, nas suas 2.000 páginas, tão escrupulosamente racionadas, um espaço igual ao dos maiores da Arte Cinematográfica.

Como se compreende o orgulho de Gabriel Pascal ao recordar na sua voz gutural, a miséria doutros tempos!...

His master's voice...

Gabriel Pascal embarcou há dias para a América, a bordo do «Exeter». Viaja como um Príncipe, ou, pelo menos, como um Príncipe viajaria, se não pudesse dispor doutros meios de condução, que não fôssem os simpáticos «Ex», que, na sua modéstia, parecem encantados com a honra de fazer uma carreira regular, entre os dois continentes, numa altura, como a presente, em que ela tem para nós e para os americanos, tão grande importância!

O homem que passou as maiores privações, que não se envergonha de dizer que esteve arruinado e que sentiu a fome — faz-nos lembrar aquelas pessoas que atravessaram uma região árida, durante dias e dias, e que ao fim dêstes mergulham, voluptuosamente, na primeira poça que encontram. Ainda está no período da desforra, após tantos e tantos anos de preocupações. Por isso nos fala, com deleite, de certa viagem que fez no «Normandie», ocupando uma série de aposentos, com duas salas de banho por sua conta — um palácio movente sôbre o oceano — e um «deck» privativo, onde passeava como num jardim, de que fôsse o único senhor!

Agora, vai para a América. Concluiu em Londres, *Major Barbara*, uma obra transbordante de Humanidade! É a segunda peça de Bernard Shaw que êle leva à tela, diz-nos com entusiasmo, convencido de que vai ser um novo êxito.

Em Hollywood, Gabriel Pascal vai filmar *Jarka*, tenciona realizar *Santa Joana* e *Devil's Disciple*, segundo as peças imortais de Bernard Shaw. E Gabriel Pascal justifica as razões que o levam a insistir nas obras do Mestre:

— O mundo precisa dum Renascimento espiritual. Há quinze anos que Bernard Shaw trabalha para êsse Renascimento. É essa a razão porque quero cinematizar as suas obras.

FERNANDO FRAGOSO

ELES & ELAS

Vamos ver êste ano

Ann Sheridan

em três filmes da S. I. F.

Os homens de cinema da América encontraram, outrora, para definir Theda Bara — a mulher irresistível do cinema de há três décadas, que acendia paixões impetuosas e irresistíveis nos corações fáceis dos cinéfilos da época — um têrmo novo, que deveria ficar: «vamp».

Mais tarde, por volta de 1926, quando Clara Bow entrava no apogeu da sua glória, êsses mesmos senhores, para indicar a acção estranha e aliciante da sua personalidade nos freqüentadores das salas obscuras de então, para explicar o seu encanto pessoal, o seu *sex-appeal*, absolutamente excepcional, afirmavam que ela possuia em larga escala qualquer coisa de estranho, de inexplicável e raro, mas real, que denominaram *It*.

Pois agora uma palavra nova se inventou para classificar o super-encanto a quintessência do *sex-appeal*, que dimana de Ann Sheridan, a encantadora e formosíssima vedeta — o *oomph*. Ann Sheridan ficou a ser a «oomph-girl» por excelência. Ela é bem merecedora dum tal título pelo encanto, pela beleza, pela sua elegância invulgar.

Foi em Dallas que a foi encontrar um concurso de beleza organizado pela Paramount, em busca de caras novas para o seu elenco. Com o nome de Clara Lou Sheridan apareceu modestamente, ao lado das principais vedetas da casa, em numerosos filmes. Clara Lou não foi, porém, feliz nos estúdios de Marathon Street.

Cinco anos decorreram.

Outra que fôsse, teria desistido e mandado ao diabo Hollywood e a sua gente.

Mas Ann Sheridan é por temperamento combativa, persistente e optimista.

Por fim resolve deixar a Paramount. E a Warner aceita-a de braços abertos, e em pouco tempo faz dela não só uma das suas vedetas de maior categoria, como a torna numa das mais populares actrizes de Hollywood.

Ann Sheridan, que, vimos já em «Carta de Apresentação», «San Quentin», «Carnaval no Gêlo» e «Não Casarás», vai agora aparecer em três grandes filmes da Warner Bros., que a S. I. F. distribui: «Alcatraz», «Alarme» e «A Menina da Sorte».

É casada desde 1936 com Edward Norris e vive em 4819, Gentry, N. — Hollywood.

JAIME DE CASTRO

«O Presídio de Alcatraz»

Alcatraz é um nome que tem o condão extraordinário de fazer pensar os grandes criminosos americanos, pois é nessa pequena e escarpada ilha, situada em frente de San Francisco, que está instalada a mais dura, a mais terrível colónia penal dos Estados Unidos, donde não há memória dum prêso se ter evadido... É lá que se encontram os maiores criminosos que têm assolado o continente *Yankee*. Lá esteve, até há pouco, o famigerado Al Capone.

É em Alcatraz que decorre a acção vigorosa e palpitante de emoção do óptimo filme de Warner que William Mc Gann dirigiu e a SIF nos vai apresentar.

«Alarme»

Vida por vida é o lema dos bombeiros de todo o mundo, abnegados e destemidos soldados da paz. Nobre missão a sua!

É a sua existência de todos os dias, as acções arriscadas que praticam anònimamente, os grandes perigos que diàriamente arrostam, que servem de base ao argumento empolgante do novo e notável filme da Warner, distribuído pela SIF, que em português tem por título «Alarme».

Da sua interpretação se encarregou um óptimo núcleo de artistas, dos quais nos seja justo destacar Dick Foran, a escultural Sheridan e o vigoroso Robert Armstrong.

«A Menina da Sorte»

Os admiradores portugueses de Ann Sheridan, porque já os tem, a-pesar-de poucos terem sido os filmes que dela temos visto, vão agora ter oportunidade de a admirar em três belos filmes, onde a ductilidade do seu talento é bem posta à prova. Em «Alcatraz» e «Alarme» ela dá-nos duas figuras de óptima contextura dramática, vividas com humanidade e justeza. No outro filme, que se intitula «A Menina da Sorte», talhado dentro dos moldes da comédia ligeira, o seu trabalho é, também, digno de destacada referência. Êste filme vai ainda dar-nos a conhecer uma prodigiosa garota de seis anos, Janet Chapman, em volta de quem gira, por assim dizer, tôda a acção do filme, que decorre no meio animado e movimentado das corridas de cavalos, e está recheado de situações ora ligeiramente sentimentais, quer de franca comicidade.



JEANETTE MAC DONALD A voz de Jeanette Mac Donald foi, sem dúvida, um dos melhores trunfos do fonocinema na conquista da popularidade. "A Parada do Amor„, com Jeannette e Maurice Chevalier, catequizou milhares de partidários ferrenhos do velho e glorioso "mudo„. Outras vozes vieram depois, que alcançaram novos êxitos. Mas, na sua maioria, passaram... E a voz de Jeanette, ao serviço da sua beleza e do seu talento, continua, tão triunfal e triunfante como no princípio do "sonoro„. "Rapsódia Fantástica„ foi a sua última vitória em Portugal. E a Metro-Goldwin-Mayer prossegue a série brilhantíssima, apresentando-a brevemente em "Lua Nova„, versão recente da famosa opereta, ao lado de Nelson Eddy, seu parceiro ideal.



WILLIAM POWELL Depois de se ter afastado largo tempo dos estúdios, vítima da impressão profundíssima que lhe causou a morte de Jean Harlow, William Powell reatou a sua carreira prodigiosa. "Bill„ — como lhe chamam os seus íntimos — tem, de facto, uma das mais interessantes trajectórias de que uma estrêla cinematográfica pode gabar-se. Começou por fazer vilões antipáticos (o de "Beau Geste„ e o de "Rómula„ são inesquècíveis); fez depois vilões insinuantes (lembram-se de "Interferência„?); e terminou por fazer galãs-centrais incomparáveis, constituíndo com Mirna Loy um dos casais mais célebres do cinema, no estilo do que celebrizou Lew Cody e Aileen Pringle, mas com indiscutível vantagem. A Metro-Goldwin-Mayer, a cujo elenco pertence, depois de "Nick e Esposa, detectives„, deu-lhe o protagonista de "I love you again„, ainda com Mirna Loy.